Colecção Autores Gregos e Latinos
Série Textos

Séneca

Medeia

Tradução do latim, introdução e notas
Ana Alexandra Alves de Sousa





Séneca

Medeia

Tradução do latim, introdução e notas de
Ana Alexandra Alves de Sousa
Universidade de Lisboa

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

Universitas Olisiponensis Ad Lucem
Centro de Estudos Clássicos

Todos os volumes desta série são sujeitos a arbitragem científica independente.

Autor: Séneca
Título: Medeia
Tradução do latim, introdução e notas: Ana Alexandra Alves de Sousa
Editor: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Edição: 1ª/2011

Obra realizada no âmbito das actividades da UI&D
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Universidade de Coimbra
Faculdade de Letras
Tel.: 239 859 981 | Fax: 239 836 733
3004-530 Coimbra

ISBN: 978-989-8281-85-2
ISBN Digital: 978-989-8281-86-9
Depósito Legal: 327284/11

Obra Publicada com o Apoio de:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

POCI/2010

Índice

Nota inaugural

A publicação da presente versão da *Medeia* de Séneca enquadra-se num projecto de maior envergadura, que contempla toda a produção trágica senequiana.

É sua autora Ana Alexandra Alves de Sousa, doutorada em Literatura Latina, professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Investigadora do seu Centro de Estudos Clássicos.

O trabalho de anotação e de tradução realizado alcançou alguns objectivos muito meritórios e interessantes, capazes de agradar e de informar um público vasto: uma tradução fiel ao texto latino, mas procurando um ritmo de leitura com uma cadência moderna; uma tentativa de uniformizar a tradução de certos conceitos, o que, sendo sempre difícil, tem a vantagem de manter figuras de estilo como a repetição, a aliteração e a *variatio*; uma economia de informação

nas anotações, que procuram esclarecer de forma concisa algumas referências eruditas ou epocais do texto.

Um duplo agradecimento merece ser lavrado: para os Doutores Arnaldo Espírito Santo, o anterior Coordenador Científico do Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa; e para a sua sucessora, a Doutora Maria Cristina Pimentel, cujo patrocínio tornou possível a publicação, em parceria com o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, coordenado pela Doutora Maria do Céu Zambujo Fialho.

Francisco de Oliveira
Responsável pelo projecto Estudos Latinos
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da
Universidade de Coimbra

Introdução

O Autor

Séneca e a sua época

Lúcio Aneu Séneca, o Jovem, terá nascido entre o ano 4 a.C. e I d.C., em Córdova (*Corduba*), na Bética, província da Hispânia, e morreu em Itália, no ano de 65 da nossa era. Filho de Aneu Séneca, membro da ordem equestre, era o segundo de três irmãos, dos quais o mais velho, Aneu Novato, se tornou um orador ilustre e o mais novo, de nome Mela, foi o pai do poeta épico Lucano.

Chegou a Roma ainda jovem, para completar a sua educação. Nos primeiros anos dedicou-se com grande entusiasmo à filosofia (estoicismo), o que atrasou a sua carreira política. Mas, por volta de 31, regressa do Egipto, aonde fora com a finalidade de recuperar de uma doença prolongada, e torna-se questor talvez ainda durante o principado de Tibério.

Algum tempo depois de escapar à inimizade de Calígula, que talvez tenha pensado em matá-lo, já no principado de Cláudio, em 41, recebeu ordem de exílio e passou oito duros anos na Córsega. Fora acusado de adultério com um membro da família imperial, eventualmente a irmã de Calígula, Júlia Livila. Esta acusação pode ter sido uma forma de afastar um homem cujo pensamento e espírito mordaz criavam incómodo.

Agripina, a segunda mulher de Cláudio, chama Séneca do exílio, provavelmente em 49, tornando-o

tutor de seu filho Nero, para o preparar para assumir o principado. E, com efeito, uma vez assassinados, primeiro, Germânico, filho de Cláudio e de Messalina, e, depois, o próprio Cláudio, dois crimes aos quais talvez não tenha sido alheia a própria Agripina, Nero é declarado imperador. A colaboração de Afrânio Burro, chefe da guarda imperial, e de Séneca, conselheiro do *princeps*, proporcionou grande estabilidade durante os primeiros cinco anos deste principado, de 54 a 59.

Uma nova fase principia com o matricídio perpetrado pelo imperador em 59. Séneca escreveu a carta enviada por Nero ao senado, na qual Agripina era acusada de conspiração e se lhe atribuía suicídio. Com a reputação abalada, pois todos reconheceram o autor da carta, o filósofo manteve-se junto do imperador durante mais três anos. Com a morte de Burro em 62 (talvez por envenenamento), Séneca viu a sua influência em causa, pois Nero voltava-se para outros conselheiros. Tentou afastar-se, mas o imperador não lhe permitiu que se retirasse, nem aceitou a restituição, que ele pretendia, dos bens adquiridos durante o tempo em que fora seu preceptor e conselheiro.

Mais tarde, após o incêndio de Roma em 64, Séneca colocou, de novo, o seu património à disposição e desta vez a oferta foi bem recebida, pois Nero precisava de um acervo extraordinário de riquezas para os megalómanos projectos (entre eles, a célebre *domus aurea*), que o levaram a acusar de *maiestas*, crime contra o Estado na pessoa do imperador, numerosos romanos abastados, cujos bens cobiçava.

Em 65, acusado de envolvimento na conspiração de Pisão[1], Séneca recebeu ordens para se suicidar. Além dele, morreram também os seus dois irmãos, o sobrinho Lucano, entre outros familiares e amigos. Segundo Tácito, a morte do antigo preceptor foi de todas a que mais agradou a Nero[2].

A obra de Séneca

Não obstante terem-se perdido os poemas, os discursos e alguns dos tratados, conhecemos uma parte significativa da obra de Séneca: uma colecção de dez tratados éticos, denominados "diálogos", entre os quais três Consolações, que combinam o tom de carta com o do ensaio; outros ensaios morais não incluídos na colecção anterior; uma sátira à deificação do imperador Cláudio, escrita numa combinação de prosa com poesia, *Metamorfose em Abóbora* (*Apocolocyntosis*); dez tragédias, das quais três são de autoria duvidosa, e sete livros de *Questões Naturais*, dedicados ao seu amigo Lucílio.

Os "diálogos", segundo o *Codex Ambrosianus*, escritos entre 37 e 43, são os seguintes: *Da Tranquilidade da Alma*, *Da Ira*, *Da Brevidade da Vida*, *Da Vida Feliz*, *Da Firmeza do Sábio*, *Do Ócio*, *Da Providência*, *Consolação a Hélvia*, *Consolação a Políbio* e *Consolação a Márcia*. A primeira destas consolações terá sido escrita por volta de 42-43, para confortar a mãe pela sua ausência forçada

---

[1] Segundo Tácito, não é claro o envolvimento do filósofo (*Ann.* 15.60-65).

[2] Tac. *Ann.* 15.60.23.

na Córsega. É parodoxal a situação do autor que consola e é, ao mesmo tempo, a causa dessa necessidade de refrigério. A *Consolação a Políbio* datará de 43-44 e é dirigida a um liberto do imperador Cláudio, homem versado em letras que talvez tenha traduzido a *Eneida* para grego e os poemas homéricos para latim. Sob o pretexto de dulcificar a dor provocada pela morte do irmão, cujo nome nunca chegamos a saber, Séneca, em determinado momento da obra (capítulo XII), desviando o centro da sua atenção para Cláudio, faz um panegírico ao imperador, que só podia ter como finalidade recuperar as suas boas graças, de forma a ser chamado do exílio. Em 40-39, escreve a *Consolação a Márcia*, a filha do célebre historiógrafo Cremúcio Cordo, a qual há três anos chorava a morte do filho. A considerável riqueza e influência política desta família talvez sejam a real motivação desta obra.

Além desta colecção, Séneca compôs outros ensaios morais, como *Da Clemência*, *Dos Benefícios*, um conjunto de cento e vinte e quatro cartas morais, organizadas em vinte livros, as *Epístolas a Lucílio*, escritas na tradição da carta filosófica ou da diatribe. Nestas cartas, quase sempre redigidas sem preocupação de emular uma correspondência genuína, os temas abordados – a riqueza, a morte, a felicidade – levaram a que a Idade Média visse Séneca como um cristão que se teria correspondido com S. Paulo.

As *Questões Naturais* foram escritas depois de se afastar de Roma. Nelas Séneca colige uma série de fenómenos naturais relacionados com os elementos do universo e

examina-os de um ponto de vista estóico. Pretende encontrar na natureza os fundamentos da ética estóica.

O ideário estóico de Séneca

Séneca cedo manifestou interesse pela filosofia. Na obra em prosa, defende um ideário estóico, de uma forma que nos leva a dizer que escreve não como um rigoroso estóico, mas inserindo-se no pensamento estóico. Com alguma frequência adopta imagens e metáforas associadas a outras escolas, nomeadamente a platónica, presente, por exemplo, na sua concepção de corpo como prisão da alma.[3]

Para ele a filosofia é a via para a virtude (*uirtus*), que identifica com o soberano bem. O homem deve preocupar-se, acima de tudo, com esta caminhada em direcção à *uirtus*. Para isso tem de aceitar o que a vida lhe traz e submeter-se apenas à razão (*ratio*), de forma a manter a tranquilidade de espírito. Porque o sábio deve conduzir os que o rodeiam à virtude, a participação nos assuntos públicos constitui um excelente meio de ajudar um maior número de pessoas. Foi o que procurou fazer ao educar e aconselhar Nero e, mais tarde, perante as atrocidades do imperador, não podia senão afastar-se, pois o sábio, quando já não pode ser útil, tem de, pelo menos, salvaguardar a sua pessoa.[4]

O caminho em direcção à *uirtus* é árduo e lento e são constantes as provas. Pelo contrário, a queda no *uitium* é célere e irreversível. Mas, uma vez que a

---

[3] *Nat.* 1.4 e 11.
[4] Sen. *De Otio,* 3.5.

divindade não intervém na esfera do humano, cabe ao homem optar por uma das duas vias possíveis. Assim, resultando o *uitium* de uma escolha, dele advirá sempre a punição. O que segue este caminho não pode fugir do castigo merecido, que receberá ainda em vida. Os estóicos não acreditavam em penas extra-terrenas.

Relativamente à vida após a morte surgem duas hipóteses: que a morte é uma passagem ou que é o fim que nos destrói[5]. O suicídio só é aceite depois de bem ponderadas as condições em que o sábio vive. Os estóicos não podem rejeitar a vida nem amá-la excessivamente. A morte não é bem, nem mal, encontra-se entre os indiferentes, grupo a que pertence tudo o que não tem utilidade, nem prejudica em si mesmo, mas existe na ordem racional da vida, como a vida, a doença, a saúde. Tanto o homem que segue a via do bem como o que segue o mal é abrangido pelos indiferentes.

---

[5] Sen. *Ep*. 75.24; 24.18; *De Prov.* 6.6.

A Obra Trágica

As tragédias: autoria, datação, relação com a obra em prosa e as recitações.

Das dez tragédias do *corpus*, há, pelo menos, duas cuja autoria tem sido objecto de controvérsia: *Octávia,* de temática histórica nacional, como o título evidencia, e *Hércules no Eta*. Para alguns estudiosos é igualmente susceptível de dúvida a autoria da peça *Fenícias*, também intitulada *Tebaida*, considerada incompleta pela ausência de odes corais. Não oferecem, portanto, dúvidas em relação à autoria senequiana sete das dez peças do *corpus*.

Nova polémica surge em relação à sua datação. Há quem as remeta para o período de exílio na Córsega (41-49) e para os últimos anos da vida do autor. Outros, com base em estudos estilísticos e métricos, distribuem-nas por um período de tempo considerável, à semelhança das obras em prosa, que vão desde os anos 30 até 65. Estes estudos permitiram estabelecer uma cronologia, que coloca *Fedra* entre as primeiras peças, *Tiestes* entre as últimas e *Medeia* numa fase intermédia. Assim temos: I *Agamémnon, Fedra, Édipo*; II *Medeia, Tróades, Hércules*; III *Tiestes*.

A tragédia grega ática fornece o modelo quer na escolha de temas mitológicos quer no âmbito formal, com uma estrutura em cinco actos ou episódios, um

coro, a presença do senário jâmbico nas falas das personagens que, em cena, nunca são mais de três, e os metros líricos nas odes corais.

Tem sido muito discutida a relação entre as tragédias e as obras em prosa, nas quais Séneca nunca faz referência àquelas. As suas personagens distanciam-se da atitude do sábio e exemplificam a escolha do *uitium*, sofrendo as consequências dessa opção, num excesso que as torna representativas: Atreu, do poder do ódio; Medeia, do ciúme e desejo de vingança; Fedra, do amor desenfreado; Teseu, Pirro e Ulisses, da corrupção do poder. Estes caracteres senequianos permitem, portanto, ao homem assistir à queda inerente à desmesura humana. Apesar de estarem longe do comportamento estóico, há momentos em que postulam opiniões e conceitos estóicos, classificados por Maria Cristina Sousa Pimentel como "tópicos de serenidade e certeza, por oposição à desordem e conflito"[6].

Todas estas paixões estavam, aliás, próximo da vivência dos cidadãos romanos, com um imperador capaz de assassinar a própria mãe e esbulhar os patrícios romanos para satisfazer os seus caprichos. Mas o teatro de Séneca, além de reflectir uma época de terror, repleta de violência e iniquidade, transpõe as barreiras temporais na reflexão que faz sobre o poder[7].

---

[6] Pimentel 1993 74.

[7] F. Oliveira 1999 considera a existência de três tipos de herói nas tragédias de Séneca, os quais relaciona com a problemática do poder: com uns o tragediógrafo condena o poder de cariz tirânico, com outros adverte para a perversão inerente ao poder e com outros propõe um modelo de governação estóica.

Não se sabe ao certo como esta dramatização chegava a público. A falta de testemunhos sobre a representação teatral convencional conduziu à tese de que o teatro de Séneca se destinava apenas à recitação. Há inúmeras notícias de que Nero gostava de representar papéis trágicos, mas não se explica como decorreria esta "representação". Seriam festivais dramáticos habituais, como as Dionisíacas em Atenas, ou espectáculos especiais produzidos pelo imperador? Representar-se-iam peças inteiras ou apenas excertos? Seja como for, as recitações influenciavam o processo de produção literária, pois originavam debates literários, em que o grupo de amigos reunidos sugeria alterações e correcções ao texto lido. É indiscutível a influência da retórica sistemática em toda a literatura latina e também nas tragédias senequianas, nomeadamente na extensão e ornamentação das falas, na argumentação usada pelas personagens e até na relevância da linguagem gestual, que levou José António Segurado e Campos a qualificar as peças como "expressionistas".[8]

Inserção das tragédias no período argênteo

Depois do denominado período áureo da literatura latina que se reporta ao séc. I a.C. e inclui autores como Cícero, Catulo, Horácio, Vergílio, Tibulo, Propércio, assiste-se, a partir de meados do século I, a um renascimento literário, com Lucano, Valério Flaco, Estácio e Sílio Itálico a sobressaírem na poesia épica; Pérsio, Marcial e Juvenal, na poesia satírica; Calpúrnio

[8] Segurado e Campos 1987 134.

Sículo, na poesia pastoral; Petrónio e Apuleio, no romance e Séneca na tragédia.

Dá-se início ao chamado período argênteo, no qual se verifica uma profunda transformação da sensibilidade artística, pois o peso crescente da retórica na formação dos jovens criou novas modas literárias e modificou os cânones estéticos. Apesar de a retórica ter tido sempre importância na educação romana, esta época viu aumentar o número de escolas orientadas por retores e a declamação (*declamatio*) tornou-se um fim em si mesma, desligando-se de uma prática exterior concreta. Muitos acusavam estas escolas de não prepararem os oradores para as carreiras públicas, exercitando temas fictícios, distantes da vida real[9]. O próprio Séneca foi iniciado na retórica pelo pai, que escreveu para os filhos as famosas *Controvérsias* e *Suasórias*, ficando, por isso, conhecido como Séneca o Retor. Nesta obra são reunidos e comentados, com fins didácticos, vários discursos dos oradores romanos.

Além da retórica, um certo gosto pela visualização e exploração do macabro e da violência que se cruza com uma forte atracção pela magia e feitiçaria marca de forma especial esta literatura. E se há figura que se adapte perfeitamente à nova estética é Medeia, neta do Sol, sobrinha da feiticeira Circe e, segundo algumas lendas, filha de Hécate, detentora das artes de magia, que mostra ser capaz de usar ao arrepio de toda a humanidade.

---

[9] Sen. *Con.* 3 pr.; 9 *pr.*.; Petron. 1.ss; Quint. *Inst.* 2.10.4 ss; Tac. *Dial.* 35.

Medeia

A presença de Medeia na literatura antiga

Filha de Eetes, rei da Cólquida, apaixona-se pelo grego Jasão quando este chega ao seu país com uma missão difícil de cumprir e cujo êxito se vai dever à intervenção da princesa. De facto, esta, malgrado a oposição do pai, usa as artes de magia para fazer o amado ser bem sucedido nas provas impostas. As aventuras do jovem casal em terras bárbaras são-nos relatadas na epopeia. Apolónio de Rodes, no séc. III a.C., escreve um poema épico em quatro livros, intitulado *Argonautica*. São os touros que expeliam fogo, são os gigantes nascidos dos dentes do dragão por ele semeados, é a serpente guardiã da árvore em que está dependurado o tosão dourado de Frixo e Hele, tudo isso Jasão supera com as artes mágicas de Medeia, que o unge de forma a ficar invulnerável ao fogo expelido pelos touros, lhe ensina que os gigantes se matariam uns aos outros se ele arremessasse pedras para o meio deles e, por fim, adormece a serpente. No mesmo período literário em que Séneca escreve, Valério Flaco compôs uns *Argonautica*, que deixou incompletos ao morrer por volta de 92-93, apesar dos seus oito livros.

Olhando para o que chegou até nós, podemos dizer que, enquanto o género épico se focaliza num herói bem diferente de um resoluto e intrépido Aquiles ou de um ardiloso e não menos denodado Ulisses, a tragédia

se centra num determinado dia, em que Jasão, a viver com Medeia há alguns anos, em terras gregas, decide desposar a filha do rei da cidade onde habitavam. Com filhos ainda pequenos, anuncia à mulher o seu intento de contrair casamento com a filha de Creonte, rei de Corinto. Medeia reage com o que considera a pior das vinganças: mata, primeiro, a princesa grega e seu pai, que a tenta libertar da veste envenenada, oferenda de casamento, e, a seguir, mata os filhos que de Jasão tivera. Apesar de a tragédia se focalizar num período de tempo preciso e muito breve (um dia), as personagens referem alguns dos acontecimentos precedentes, tais como o facto de Medeia ter espalhado os membros de seu irmão Absirto no mar, com vista a atrasar a perseguição do pai, ou a circunstância de, já em Iolco, ter levado as filhas de Pélias a cozer o pai numa tentativa de o rejuvenescer[10].

Na literatura grega o primeiro relato que nos chegou do mito de Medeia provém da Quarta *Ode Pítica* de Píndaro (9-ss.), escrita em 462-461 a.C. O poema principia com uma profecia de Medeia, seguem-se os acontecimentos em Iolco, quando Jasão reclama o trono junto de Pélias, a viagem de Argo que lhes é imposta, as provas que Jasão vence com a ajuda de Medeia, na Cólquida, e termina-se a narrativa com uma breve alusão à partida e à passagem por Lemnos; do assassínio de Pélias fala-se atribuindo-o a Medeia de forma muito sintética. Uma diferença a realçar consiste no papel de Afrodite que, no poema de Píndaro, explica a Jasão como pode conquistar o coração de Medeia.

[10] Sen. *Med.* 130-414.

Eurípides, em 431 a.C., produziu uma *Medeia*, que o tragediógrafo latino deve ter conhecido. As alterações mais significativas em Séneca são: a referência à perseguição movida por Acasto como a causa da decisão de Jasão em contrair novas bodas; a ausência de Egeu, figura que remete para o futuro de Medeia, depois de perpetrado o matricídio; a apresentação, logo no início da peça, de uma Medeia feiticeira; o antagonismo da Ama; a presença do espectro de Absirto e das Fúrias num momento em que hesita em matar os filhos; a morte dos filhos em pleno palco.

A maior presença da magia, espectros e mortes em cena explicam-se pelos novos cânones estéticos; no teatro grego as mortes ocorriam sempre longe da visão dos espectadores.

Egeu, rei de Atenas, com quem Medeia casa, depois de sair de Corinto, prometendo-lhe descendência, é uma figura prescindível, porque Séneca quer centrar a acção num único acontecimento, a vingança, e numa única personagem, Medeia. Acentua também o isolamento da protagonista a constante oposição da Ama. O estatuto insólito de Medeia como detentora de artes de magia que permitem superar quaisquer situações sairia enfraquecido com uma eventual apreensão com o seu futuro, sobre o qual, aliás, ela nunca fala.

A alusão ao rei da Tessália, Acasto, permite esvaziar Jasão de densidade psicológica, fazendo, uma vez mais, sobressair Medeia. O mesmo efeito se cria com o facto de, na peça latina, as bodas estarem a decorrer (299-300), enquanto em Eurípides elas já ocorreram.

Ao fazer-se a vingança acontecer no dia do casamento interrompe-se no momento certo a felicidade dos novos esposos.

É provável que o poeta latino conhecesse outras peças baseadas no mito quer anteriores quer contemporâneas. Ainda entre os Gregos, sabemos que um tal Néofron compôs uma Medeia que poderá ter influenciado significativamente Eurípides, sendo apontado como uma eventual fonte para a ideia do matricídio que antes do tragediógrafo grego não aparece no mito. O grego Carcino compôs uma *Medeia* sem filicídio. Já em língua latina, Énio fez uma versão da *Medeia,* de Eurípides. O próprio Ovídio, por quem Séneca nutria grande admiração, compôs uma tragédia assim intitulada e os estudiosos têm colocado a hipótese de esta ter sido decisiva na forma como Séneca tratou o tema. Mas as conclusões a que se podem chegar, tendo em conta que desta peça apenas nos restam dois versos, carecem de fundamentação sólida.

Do mito volta a ocupar-se Ovídio na carta 12, das *Heróides*, escrita por Medeia a Jasão, enquanto ouve o cortejo nupcial; é um momento muito próximo daquele em que está a viver a personagem no início da tragédia de Séneca. Ovídio, no livro VII das *Metamorfoses* (v. 394-397), conta a história com mais pormenor, mas reserva apenas quatro versos aos acontecimentos de Corinto em que a tragédia se centra, dizendo:

> Mas mal a nova esposa ardeu com venenos da Cólquida,
> e ambos os mares viram o palácio em chamas,

> ela encharca a ímpia espada com o sangue dos filhos.
> Após tão atroz vingança, a mãe escapa às armas de Jasão.
> (trad. de Paulo Alberto, Lisboa, Livros Cotovia, 2007, p.181)

Outros acontecimentos são referidos, alguns dos quais com desenvolvimento assinalável: a partida do navio Argo (1-6), os acontecimentos na Cólquida (7-156), a viagem de regresso da Cólquida (157-158), o rejuvenescimento de Éson e a morte de Pélias (159-356), a partida de Medeia de Iolco (357-393), a chegada de Medeia a Atenas, onde casa com Egeu (398-403), a tentativa de matar Teseu (404-424). Em Séneca, a descrição das práticas de magia no quarto episódio têm uma fonte importante no rejuvenescimento do pai de Jasão, que fora contado por Ovídio (179-293).

A constituição da peça de Séneca

Primeiro episódio (1-55): Monólogo de Medeia, de inspiração euripidiana, em que esta, falando de si própria na terceira pessoa e dirigindo-se à sua alma, invoca os deuses, clamando por vingança, pois Jasão quebrou os juramentos de fidelidade que lhe fizera, ao decidir casar com Creúsa, filha de Creonte. Medeia planeia destruir a casa real.

Primeira ode coral (56-115): O Coro entoa um epitalâmio em honra de Jasão e Creúsa. As suas últimas palavras, embora não nomeiem Medeia, exprimem o desejo de ver partir toda a mulher que fugiu da pátria para se casar.

Segundo episódio (116-300): Medeia, arrependida por tudo o que fizera por Jasão, com um profundo sentimento de solidão, discorre sobre a melhor forma de se vingar. A morte de Creúsa surge clara no seu espírito; no entanto, parece-lhe uma resposta insuficiente para tamanho ultraje. Das suas palavras depreende-se o carácter fraco de Jasão, que se deixa submeter à vontade alheia. Creonte surge como o verdadeiro culpado do divórcio. Em consequência disso, Medeia pensa em orientar o plano de vingança para ele apenas. A Ama assume-se como antagonista, ordenando a Medeia que silencie a sua dor e refreie a sua impetuosidade, chamando-lhe a atenção para eventuais motivos de receio, como o rei e o exército real.

Creonte chega e Medeia, apesar de não conseguir que o rei lhe revogue a sentença de exílio, obtém dele a permissão de permanecer em Corinto mais algumas horas.

Segunda ode coral (301-379): O Coro reflecte sobre a viagem e a ousadia dos primeiros nautas que, na nau Argo, desbravaram os mares. O velo de ouro e o mal que Medeia representa foram recompensas merecidas de uma viagem que alterou as leis da natureza.

Terceiro episódio (380-578): A Ama descreve o comportamento tresloucado de Medeia e manifesta-se apreensiva face aos seus planos. Esta reafirma, de forma inequívoca, o seu intento de vingança, o que desencadeia

na interlocutora palavras de moderação. Entra Jasão, que tenta justificar-se. Depois de um confronto violento, Medeia decide usar os filhos para se vingar. No final do episódio explica à Ama o plano de mandar os filhos ao palácio com oferendas envenenadas.

Terceira ode coral (579-669): O Coro refere a violência do ódio manifestado pela mulher que fica privada do seu casamento. Fala da ira de Neptuno e conta as mortes de alguns argonautas. Conclui com o voto de que Jasão seja poupado, pois ele apenas cumpriu ordens.

Quarto episódio (670-848): A Ama explica longamente os rituais de feitiçaria empregues por Medeia para envenenar as oferendas que iriam ser levadas a Creúsa, chegando mesmo a reproduzir as suas palavras. Medeia, em palco, completa os rituais e, a seguir, manda os filhos com as oferendas ao palácio.

Quarta ode coral (849-878): O Coro descreve o transtorno físico de Medeia e exprime o seu medo face ao que está prestes a acontecer.

Quinto episódio (879-1027): Um Mensageiro, numa brevíssima cena (879-890), transmite a notícia das mortes de Creúsa e do pai, bem como do incêndio que fizera ruir o palácio. Medeia vacila no seu intento de prosseguir a vingança, mas as Fúrias, que nos remetem para a *Oresteia* esquiliana, e o espectro de Absirto, qual

Clitemnestra nas *Euménides*, instigam-na à conclusão da vingança. Mata um dos filhos, que consagra ao irmão, e sobe ao telhado da casa, carregando a criança já morta e obrigando a que ainda estava viva a acompanhá-la. Jasão chega com alguns homens armados e assiste à morte do segundo filho. Medeia parte num carro puxado por duas serpentes aladas, que o Sol lhe enviara.

A aaracterização das personagens

Jasão

Quando aparece em cena, no terceiro episódio, Jasão está angustiado e em sobressalto por causa da perseguição movida por Acasto. Nas suas palavras fica claro que decide afastar-se de Medeia por compreender que poria em risco a vida dos filhos, que o rei da Tessália não haveria de poupar. Como Creonte lhe oferece protecção em troca do casamento com a filha, Jasão quebra o laço com a princesa da Cólquida. Mesmo esta não deixa de se interrogar sobre a possibilidade de ser esse medo a provocar a decisão (415) e Creonte fala do genro como um homem "abatido e assustado, com o fardo do medo" (255-6). Assim seria Jasão a verdadeira vítima trágica, preso num angustiante dilema.

No entanto, Medeia, que conhece a força do amor, põe em causa a veracidade desta motivação, devido à reacção silenciosa de Jasão (417-419), quando ela o acusa de não a amar verdadeiramente (416, 495) e de ser movido quer por um novo amor (495) quer por claras ambições políticas (529). Todas estas

acusações, o grego não as desmente (496). É certo que pede a Creonte que lhe poupe a vida (183-186, 490-491), mas não deveria um grande amor merecer mais do que isso? Cobardia e ingratidão (465) resumem o seu carácter, segundo Medeia (419), e palavras como "acaba com esta longa conversa, não vá ela levantar suspeitas" (530) confirmam esta frouxidão. Pusilânime e ingrato, Jasão não respeita sequer os deuses por quem jurara em tempos (7-8, 434-7). A quebra de um juramento feito à divindade é para os Antigos um acto susceptível de punição divina, o que torna Medeia como que um instrumento da vingança dos deuses.

Creonte

A desconfiança faz parte do carácter do rei de Corinto, mas a sua natureza compassiva sobrepuja-a: cede aos rogos de Jasão no sentido de poupar a vida a Medeia; vê-se capaz de amar os filhos desta, apesar de não serem seus descendentes (284), e acaba por conceder à princesa da Cólquida mais algum tempo, para que ela se possa despedir das crianças. Se, por um lado, podemos explicar estes actos por comiseração por uma mulher que vai ficar privada da sua prole, por outro, eles também reflectem alguma fraqueza de carácter. E a falta de firmeza real permite, uma vez mais, destacar Medeia, que, no diálogo que trava com o rei, tem falas mais extensas e consegue influenciá-lo. Aliás, Creonte, logo quando a vê, parece ter medo dela, pedindo ajuda aos escravos no sentido de manterem o "monstro atroz e

medonho" (191) longe de si. Preocupado em afastar do reino o que o ameaça, faz a responsabilidade dos crimes outrora cometidos recair apenas sobre Medeia.

A Ama

Vive em torno da sua senhora, servindo de contraponto ao excesso que ela representa. Cautelosa, aconselha-lhe constantemente moderação. Das suas palavras sobressaem não tanto a justiça ou o bem, mas a necessidade de contenção, pragmatismo e segurança. Traz para a cena actos de magia que fora dela decorrem, como acontece no quarto episódio, em que descreve os rituais mágicos de Medeia (670-739), acentuando a forte presença do sobrenatural na peça.

Coro

Estes homens ou mulheres que formam o Coro, odeiam Medeia e apoiam as novas bodas, que celebram num canto. Numa postura de antagonistas, que realça o isolamento da protagonista, receiam, tal como Creonte, os actos desta mulher que consideram "um mal maior do que o mar" (362).

Medeia

A força avassaladora de Medeia, a sua omnipresença e a centralização da acção dramática na vingança que leva a cabo dominam a peça senequiana numa economia vertiginosa. Impetuosa e arrebatada, personifica a revolta da mulher apaixonada que perde o marido, por quem tinha deixado o reino e a família.

Sem a possibilidade de regressar à pátria, sem poder levar para o exílio as crianças, como a sua homónima euripidiana, vive uma situação de intenso *pathos*.

Intrépida, desafiadora, vingativa, impulsiva, absoluta, nunca nada temeu e não compreende, por isso, os receios do pusilânime companheiro. Habituada a responder aos acontecimentos de forma categórica, age em conformidade com a sua natureza. Quando compreende a importância dos filhos para Jasão, estes, fruto de um amor rejeitado, esvaziam-se de conteúdo afectivo, tornando-se uma mera peça no jogo da vingança: "filhos, que outrora fostes meus" (924), diz Medeia no momento de maior angústia.

Estamos assim perante uma personagem dinâmica do ponto de vista psicológico. Atenta ao que a rodeia, lúcida na análise das motivações de Jasão e com um notável sentido de ironia (492, 515), vai construindo gradualmente, com a certeza da sua implacabilidade, o plano de vingança.

Nela coexistem o lado humano, mãe de filhos e esposa de um homem que ama, e o lado supra-humano, descendente do Sol e exímia feiticeira. As dúvidas revelam-na humana e acompanham-na até ao fim, morto já um dos filhos (988-991). O júbilo final, depois de concluída a vingança, integra-a numa dimensão fantástica. A visão das Fúrias e do espectro de Absirto são cruciais para marcar a viragem, representem eles uma projecção da sua consciência culpada, análise psicologista, ou, simplesmente, o lado sobrenatural da sua natureza, que assume por inteiro quando parte

montada no carro alado. Não esqueçamos que do seu futuro nada a peça nos diz, pois isso seria fazê-la regressar ao plano do humano, de que se afasta.

Há uma tensão crescente na tragédia, que culmina numa aguda sensação de desamparo, seja a peça uma dramatização dos efeitos nefastos da paixão erótica ou uma dramatização da impotência do homem que tenta dominar as forças da natureza, neste caso desbravando mares ignotos na nau Argo. As constantes comparações de Medeia com a Natureza, que logo no início se auto-caracteriza como “mar e terra / e ferro e fogo e deuses e relâmpagos!” (166-167), permitem-nos interpretar o desfecho da peça como um castigo da própria natureza, que é Medeia, sobre o homem que ousa desafiá-la. Plena dominadora das forças da natureza, até no derradeiro momento de dúvida, recorre ao símile marítimo para retratar a sua indecisão: “assim como os céleres ventos travam guerras violentas, / e ondas em conflito levam o mar em direcções contrárias, / e as águas fervilham, indecisas, assim o meu coração vacila” (940-943). Ao homem que tenta caminhos interditos resta-lhe o vazio e a solidão desamparada: “Pelas profundezas do espaço, no mais alto firmamento, / vai testemunhar, por onde passares, que não existem deuses”.

Medeia na Posteridade

Na época moderna, o drama póstumo de La Péruse (m. 1556), discípulo de Ronsard, inspira-se sobretudo em Séneca. Corneille (1635) aproveita

alguns ingredientes euripidianos e complexifica as motivações de Jasão, tirando impacto ao filicídio. Irado com a morte de Creúsa, que amava, Jasão quer matar Medeia e os filhos para se vingar, mas, chegando tarde, acaba por se suicidar. Glover (1761) apresenta uma Medeia dominada por Hécate, que mata os filhos num acesso de loucura, e um Jasão que, tarde demais, se mostra disposto a deixar Creúsa. Lessing transpôs Medeia para o mundo burguês no seu drama *Miss Sara Sampson* (1755). Klinger escreveu *Medea in Korinth* (1787), com um Jasão que não resiste ao ver os filhos mortos. Framery (1797) compõe o libreto para a ópera de Cherubini na linha de Séneca e de Corneille. Grillparzer (1821) dá-nos um Jasão condenado a sofrer.

Na época contemporânea, Jahnn (1920) mostra-nos um Jasão, que pretende desposar a noiva do filho mais velho, dotado de eterna juventude, graças ao amor de Medeia, qual Ulisses em Ogígia. Medeia mata os filhos involuntariamente quando o mais velho, desvairado com a situação, ataca o mais novo. Seguiram uma leitura psicológica Jeffers (1946) e Corrado Alvaro (1949). Jean Anouilh (1946) centrou a sua atenção no par constituído por Jasão e Medeia: aquele quer esquecer a relação, ela suicida-se juntamente com os filhos.

Para Mattias Braun, *Die Medea des Euripides* (1958), a princesa da Cólquida representa o caos, de que Jasão se quer afastar. Maxwell Anderson, em *The Wingless Victory* (1936), situa Jasão na América e casa-o

com uma princesa dos mares do Sul. Robert Graves desmitifica a história, contando-a com humor, em *The Golden Fleece* (1944).

No cinema, Pasolini (1969) atribui o papel de Medeia a Maria Callas, que alcançara um verdadeiro triunfo operático em 1953, no La Scala, dirigida por Leonard Bernstein, na ópera de Cherubini; mesmo sem falar, na sua única aparição no cinema, é o corpo e o expressivo e marcante rosto de Callas que transmitem as emoções.

Na música popular, Chico Buarque transpôs a história para o morro carioca em *Gota d´ Água (*1975), poema composto em colaboração com Paulo Pontes. Em cerca de 4.000 versos, conta-se a vida difícil dos moradores do bairro Vila do Meio-Dia, entre os quais se encontram Jasão e Joana. Aquele é um compositor que deixa a mulher com quem vive para casar com Alma, a filho do prepotente empresário Creonte, que domina todo o bairro.

E assim ao longo dos séculos a Arte tem feito reaparecer Medeia para reflectir sobre a natureza humana, seja na vertente dos sentimentos e das pulsões emocionais que dominam o homem, seja num plano social e político, porque tudo isso o Mito sintetiza.

A tradução a seguir apresentada segue a edição de O. Zwierlein (1986).

Medeia

Personagens

Medeia, filha de Eetes, rei da Cólquida

Ama de Medeia

Creonte, rei de Corinto e pai de Creúsa

Jasão, filho de Éson e sobrinho de Pélias

Mensageiro

Coro de Coríntios

Soldados e servidores de Creonte (personagens mudas)

Os dois filhos de Medeia e Jasão (personagens mudas)

A cena passa-se em Corinto, à entrada da casa de Jasão e Medeia. Decorre no dia em que Jasão comunica a Medeia a sua intenção de casar com Creúsa e Creonte decreta o exílio à princesa da Cólquida.

Medeia

Ó deuses conjugais e tu, guardiã do leito nupcial,
Lucina; tu que aprendeste com Tífis[1] a dirigir
um novo navio que haveria de desbravar os mares;
e tu, senhor implacável das profundezas do Oceano;
e Titã, que distribuis pelo mundo a claridade do dia;
ó tu que ofereces uma luz cúmplice em cerimónias
misteriosas, Hécate triforme[2]; ó deuses por quem
me jurou Jasão; e os que Medeia invoca
com maior legitimidade: ó Caos da noite sem fim;
ó escusos reinos dos deuses supernos; ó manes sacrílegos;
ó senhor de um reino sombrio: ó soberana raptada
para maior fidelidade[3]: com imprecações agoirentas vos [conjuro!
Agora, agora, vinde, deusas vingadoras do crime,
com os cabelos soltos eriçados de serpentes;

[1] Primeiro piloto do navio Argo.
[2] Diana na terra, Lua no céu e Hécate nos Infernos.
[3] Plutão, que raptara Prosérpina, fora mais fiel do que Jasão.

segurando em vossas mãos ensanguentadas negros fachos,
vinde, medonhas, tal qual estivestes outrora
no meu tálamo. Dai morte à nova esposa[4],
dai morte ao sogro[5] e a toda a progénie real.
Há algum mal pior que eu possa pedir para o noivo?
Que viva! Erre por cidades desconhecidas, arruinado,
exilado, em sobressalto, odiado, sem morada certa;
tenha saudades de mim, a sua esposa; receba um abrigo
estrangeiro, hóspede já bem conhecido e – nada pior
posso pedir – nasçam-lhe filhos semelhantes ao pai
e semelhantes à mãe[6]. Já nasceu a minha vingança:
eu dei à luz! Será em vão que eu profiro estas palavras
plangentes? Não hei-de avançar contra os inimigos? Vou
[arrancar de suas mãos fachos nupciais
e a luz aos céus. Porventura o pai da minha raça, o Sol[7],
está a ver isto e está a ser visto? Acaso, sentado no seu carro,
percorre os costumados espaços do brilhante firmamento?
Não volta ele ao lugar donde nasce e faz retroceder o dia?
Permite, permite que eu viaje pelos ares no carro de meu pai,
confia-me as rédeas, meu progenitor, e consente que eu guie

[4] Creúsa.

[5] Creonte.

[6] Este foi o único passo em que nos afastámos do texto fixado por Zwierlein, que prefere a lição de Axelson (*opto*), colocando o predicado na primeira pessoa: "desejo…". Na lição seguida por H. M. Hine e J. Viansino (*optet*), Medeia quer que Jasão se sinta tão sozinho que deseje casar com ela de novo e ter filhos seus, mesmo que estes se pareçam com a mãe.

[7] Medeia é filha de Eetes, rei da Cólquida, que, por sua vez, é filho do Sol. Em algumas versões a sua mãe é uma das Oceânides, de nome Idia, noutras, é Hécate.

com chicotes flamejantes os ígneos cavalos;
Corinto, que atrasa os navios com a sua dupla costa,
seja consumida pelo fogo e deixe os dois mares confluírem[8].
Resta-me apenas isto: levar eu própria, de pinho,
o archote nupcial ao tálamo e, depois das preces
sacrificiais, imolar as vítimas nos altares consagrados.
Procura nas próprias vísceras o caminho para a vingança,
se estás viva, minha alma, e se é que ainda tens um pouco
do teu antigo vigor. Bane os medos próprios das mulheres
e reveste o teu espírito da inospitalidade do Cáucaso.
Quaisquer perfídias que o Fásis[9] ou o Ponto tenham visto,
o Istmo também as verá. Selvagens, desconhecidos, arrepiantes,
capazes de fazer tremer tanto o céu como a terra
são os males que agitam, bem fundo, a minha mente: feridas
e carnificina e exéquias perturbadas por membros lacerados.
[É leve demais o que enumero:
isto fiz eu, uma rapariga virgem. Que um ressentimento
[mais devastador se levante:
convêm-me agora crimes maiores, visto que já dei à luz.
Arma-te de cólera e prepara-te para o morticínio
com todo o furor. Que a história a contar sobre o teu repúdio
iguale a do teu tálamo. De que modo deixarás o teu marido?
Do mesmo modo que o seguiste. Acaba já com as tuas
[hesitações cobardes:
a casa que de um crime recebeste, com um crime a deves deixar.

[8] A cidade de Corinto está situada no istmo que separa os mares egeu e jónico. Na Antiguidade, fizeram-se várias tentativas para abrir um canal no istmo, mas nenhuma delas foi bem sucedida.

[9] Rio da Cólquida: cf. v. 102, 211, 451, 762.

Medeia sai

Coro

Entra a cantar um epitalâmio para Jasão e Creúsa

No tálamo real com benévola disposição estejam presentes
os deuses que governam o céu e os que governam o mar
juntamente com uma multidão, que respeite e guarde
[silêncio ritual[10].
Primeiro aos Tonantes portadores do ceptro[11]
um touro de alvo dorso ofereça o seu imponente pescoço;
uma fêmea de níveo corpo, que nunca experimentou o jugo,
aplaque Lucina[12]; e aquela que ao bravio
Marte refreia as mãos sanguinárias,
aquela que estabelece tratados com as nações beligerantes,
e guarda a riqueza no corno da abundância,
deusa assaz doce[13], seja presenteada com uma jovem vítima.
E tu, que favoreces as uniões legítimas,
que dissipas a noite com a tua dextra propícia,
vem para aqui, com um andar entorpecido pela embriaguez,
trazendo uma coroa de rosas a ornamentar as têmporas[14].

---

[10] Um ritual sagrado não devia ser interrompido com palavras de mau agouro.

[11] Júpiter Tonante, deus do trovão, e Juno, sua esposa.

[12] A novilha, por ser fêmea, é sacrificada a uma deusa, neste caso Lucina, epíteto de Juno enquanto protectora do parto. Não se devia sacrificar um animal que tivesse servido para cuidar dos campos.

[13] Os comentadores discutem se o passo se reporta a Vénus ou à deusa Paz, que, apesar de ser uma deusa menor, tinha ganho relevo no período augustano. A cornucópia aparece sempre associada à deusa Paz.

[14] Dirige-se a Himeneu, deus que conduz o cortejo nupcial. A referência à dextra permite concluir que o deus age como um

E tu, estrela, que anuncias dois momentos do dia
e que regressas sempre tarde para os que se amam[15]:
por ti anseiam as mães, ardentemente por ti anseiam as noivas
que difundas quanto antes os teus raios de luz.
A beleza desta donzela excede
a das jovens da cidade de Cécrops[16]
e as que nos cimos do Taígeto[17]
são treinadas, à maneira dos rapazes,
na cidade sem muralhas,
e as que se banham nas águas aónias[18]
e na corrente sagrada do Alfeu[19].
Se quiser ser admirado pela sua beleza,
o príncipe filho de Éson obterá a palma
quer sobre o descendente do raio implacável[20],
que submete os tigres ao jugo[21],
quer sobre aquele que faz tremer as trípodes,
o irmão da virgem austera[22];

---

auspex, sacerdote que, no início da cerimónia do casamento, tomava os auspícios para garantir o favor dos deuses. A embriaguês não costuma ser atributo deste deus, mas talvez o verso se explique por, em algumas versões, Himeneu ser filho de Dioniso.

[15] Invoca Héspero, ou Vésper, a estrela da tarde. Os casamentos tinham lugar ao fim da tarde.

[16] Cécrops é um dos reis míticos da Ática, o primeiro, segundo algumas versões. Atenas também recebe o nome de Cecrópia, entendendo-se, por isso, que se trata aqui das jovens mulheres atenienses.

[17] Montanha da Lacónia, sobranceira a Esparta.

[18] Refere-se ao rio Ismeno, da região da Aónia, na Beócia.

[19] Rio da Élida, que banha Olímpia e corre pelo Peloponeso.

[20] Dioniso ou Baco, filho de Sémele e Júpiter.

[21] Os tigres do carro de Baco simbolizam o Oriente e o poder da divindade de submeter e civilizar.

[22] Febo Apolo, irmão de Diana, cujas pitonisas, em Delfos, se sentavam sobre uma trípode. Diana era avessa ao casamento e à

ceder-lhe-á a palma também Pólux, perito
no pugilato, bem como o seu irmão Castor.
Assim, assim, habitantes celestes, peço-vos,
vença esta mulher as outras esposas,
destaque-se o marido dos outros homens.
Quando ela se apresenta nos coros das raparigas
é apenas o seu rosto que sobressai dentre todos.
Também com o surgimento do sol desaparece o encanto
dos astros, e o denso batalhão das Plêiades esmaece,
quando Febe, com uma luz que não é a sua[23],
fecha os cornos circulares num círculo perfeito[24].
Também a cor nívea fica rubra quando tingida pela púrpura
fenícia, também o pastor aspergido de orvalho
contempla a cintilante alvorada, ao romper o dia.
Resgatado do hórrido tálamo nupcial do Fásis[25],
acostumado a tocar o peito de uma esposa desenfreada
com temor e contra vontade[26], ó homem afortunado,
recebe a donzela da Eólia[27], noivo
agora, pela primeira vez, com o consentimento dos pais[28].

---

sociabilidade, preferindo a caça e uma vida austera nos bosques, como Ártemis.

[23] Febe equivale a Lua. Os Gregos sabiam que a lua não tinha luz própria e que reflectia a luz do sol.

[24] Os cornos do quarto crescente unem-se e formam a lua cheia.

[25] Fásis representa a Cólquida e a sua princesa; cf. v. 44, 211, 451, 762. O leito nupcial seria o de Jasão e Medeia.

[26] Medeia controla o mundo, mas a ela nada a controla.

[27] Creúsa; o termo latino *corripere* 'receber' sugere a ideia de arrebatar e evoca o rapto ritual do casamento romano.

[28] Creonte deu a filha Creúsa em casamento a Jasão; Eetes, pai de Medeia, recusara a união da filha com o grego.

Aproveitai, jovens, a licença de gracejar[29];
em cadência alternada[30], jovens, cantai os vossos versos:
raramente nos é permitido falar contra os senhores.

Radioso e nobre descendente do portador do tirso, Lieu[31],
já era tempo de acender o facho de múltiplas pontas:
ateia a chama solene com os teus lânguidos dedos.
Espalhem os mordazes versos fesceninos festivos
insultos, descontraia-se a multidão com os gracejos e
[parta nas trevas silenciosas
toda a mulher que foge para se casar com um marido
[estrangeiro.

Medeia e a Ama entram

MEDEIA

estupefacta

Estou perdida: o canto nupcial feriu os meus ouvidos.
É a custo que eu própria, sim, a custo, que eu creio em
[tamanha desgraça.
Foi isto que Jasão ousou fazer, depois de me ter privado
do meu pai, da minha pátria e do meu reino: deixar-me
[sozinha numa terra estrangeira,
homem cruel?! Desprezou os serviços que lhe prestei,

[29] Nos casamentos gregos e romanos os espectadores costumavam cantar versos licenciosos e injuriosos para os noivos, designados em Roma como 'versos fesceninos'; cf. v. 113.

[30] A expressão *hinc, illinc* 'de um lado e doutro, à compita' sugere a existência de dois semi-coros.

[31] Lieu é um dos nomes de Baco. O verso reporta-se a seu filho Himeneu, cf. n. 14.

depois de ter visto chamas e mar serem vencidos
pelos meus crimes? Acredita ele que esgotei toda a minha
[capacidade para actos ímpios?
Inquieta, desvairada, de mente insana, sou arrastada
em todas as direcções. Onde poderei eu vingar-me?
Tivesse ele um irmão! Mas tem uma esposa: cravemos nela
a espada. Será isto suficiente para o meu vexame?
Se as cidades pelasgas[32], se as cidades bárbaras
algum malefício conhecem que as tuas mãos ignorem
é altura de o cometeres. Incitem-te os teus crimes
e estejam todos bem presentes: o roubo do famoso tesouro
do reino[33] e o pequeno companheiro da ímpia donzela
despedaçado com a espada [34], o cadáver oferecido ao pai,
e o corpo disperso pelo mar e os membros do velho Pélias
cozidos no caldeirão de bronze[35]. Quantas vezes derramei
sacrilegamente sangue fatal, nenhum delito eu cometi
levada pela ira. Foi um amor desditoso que se enfureceu.

---

[32] As cidades pelasgas são em sentido lato as cidades gregas, por oposição às gregas. Para Medeia, ela própria uma bárbara, tanto umas como outras podem instigar actos maléficos; cf. v. 178.

[33] O velo de Ouro.

[34] Há várias versões da morte de Absirto, irmão de Medeia: nesta, Medeia terá partido da Cólquida com o irmão e ter-lhe-á cortado os membros, espalhando-os pelo mar, para atrasar a perseguição do pai. Noutra versão, Absirto foi morto, no palácio, antes da partida do navio Argo. Numa terceira versão, é Jasão que o mata numa emboscada. Séneca parece fundir as duas primeiras versões, cf. 452-453 e 486-487.

[35] Pélias era o rei de Iolco. Segundo umas versões, usurpou o trono ao irmão, Éson; noutras, era o legítimo governante. Medeia, quando chegou na nau Argo com Jasão, enganou as filhas de Pélias, dizendo-lhes que deviam cozer os membros do pai, para o rejuvenescer.

Ainda assim, que podia Jasão fazer, submetido ao poder
e à vontade de outrem? Devia ter levado o seu peito
ao encontro da espada. Diz outra coisa, sim, outra coisa,
dor insana. Se é que é possível, viva o meu Jasão
de forma a ser como foi; senão, mesmo assim viva,
e, com a lembrança da minha dádiva[36], desapareça para mim.
A culpa é toda de Creonte, que, incontrolável na sua autoridade,
dissolveu um casamento, afastou uma mãe dos filhos queridos
e desfez uma fidelidade selada com estreitos laços.
Vamos atingi-lo só a ele, pague o castigo
que merece. Encherei a sua morada de espessa cinza.
Um negro turbilhão a desprender-se das chamas há-de
avistar-se do promontório Málea[37], cuja costa recurva impõe
[aos navios longas demoras.

Ama

Cala-te, peço-te, e enterra os queixumes bem fundo
na tua dor. Todo aquele que suportou feridas profundas
em silêncio e com um espírito paciente e resignado
está apto a restituí-las: o que é malfazejo é a ira dissimulada;
o ódio que se declara não encontra ocasião para a vingança.

Medeia

Ligeira é a dor que consegue agir racionalmente
e esconder-se em si. Os grandes males não ficam na sombra.
Quero atacar!

[36] A dádiva da vida.
[37] Importante cabo do Peloponeso.

Ama

Contém esse ímpeto desenfreado,
filha. Mesmo a quietude do silêncio dificilmente te protege.

Medeia

A fortuna tem medo dos fortes; aos cobardes, oprime-os.

Ama

A coragem só merece louvor, quando se lhe oferece ocasião.

Medeia

Nunca pode faltar ocasião para a coragem.

Ama

Não há esperança alguma então que aponte uma saída
[para a tua aflição.

Medeia

Quem já perdeu a esperança não tem por que desesperar.

Ama

Está longe a Cólquida, a fidelidade do teu marido
é nenhuma, e nada te resta de tão grandes riquezas.

Medeia

Resta Medeia; nela vês mar e terra

e ferro e fogo e deuses e relâmpagos!

Ama

Deves recear o rei.

Medeia

Também o meu pai era rei.

Ama

Não tens receio do seu exército?

Medeia

Nem que nasça da terra.

Ama

Vais morrer.

Medeia

É isso que eu quero.

Ama

Foge!

Medeia

Já me arrependi de fugir.

Ama

Medeia...

Medeia

Sê-la-ei.

Ama

Tu és mãe.

Medeia

Vê para que pai.

Ama

Hesitas em fugir?

Medeia

Fugirei, mas primeiro hei-de vingar-me.

Ama

Perseguir-te-á para se vingar.

Medeia

Talvez eu encontre meios de o travar[38].

Ama

Modera as palavras, é hora de poupar ameaças, insensata,
refreia essa animosidade. É bom que te adaptes às
[circunstâncias.

[38] Alusão à morte de Absirto; cf. n. 34.

Medeia

A fortuna pode arrebatar a minha riqueza, nunca o meu ânimo.
Mas de quem é a pancada que faz ranger os gonzos
da porta do palácio? É o próprio Creonte, impante
[com o seu poder sobre os Pelasgos[39].

Entra Creonte

Creonte

para si próprio
Medeia, criminosa descendente de Eetes da Cólquida,
ainda não tirou os pés do meu reino?
Algo prepara. Conhecida é a sua astúcia, conhecido
é o seu poder. Quem poupará ela ou quem deixará seguro?
Por mim, preparava-me para destruir prontamente pela espada
esta maléfica praga, mas o meu genro venceu-me com
[os seus rogos.
Foi-lhe concedida vida; liberte ela o meu país
do medo e parta em segurança.
olhando para Medeia
Está a avançar na minha direcção com altivez
e, ameaçadora, procura falar-me mais de perto.
voltando-se para os escravos
Escravos, mantenham-na longe do meu contacto e da
minha proximidade, Mandem-na calar. O poder real,
aprenda de uma vez a respeitá-lo.
virando-se para Medeia

[39] Cf. v. 127. Estas palavras de Medeia podem reflectir algum desprezo pelo mundo grego.

Vai-te, em célere fuga,
e leva já para longe o monstro que tu és, atroz e medonho.

Medeia

Que crime ou que falta é punida com o exílio?

Creonte

Esta inocente mulher pergunta-me a causa da sua expulsão!

Medeia

Se és juiz, procede ao julgamento; se és rei, ordena.

Creonte

Justas ou injustas, tens de te submeter às ordens de um rei.

Medeia

Uma realeza injusta nunca dura muito tempo.

Creonte

Vai queixar-te aos Colcos.

Medeia

Eu vou: quem me trouxe que me leve de volta.

Creonte

O teu pedido chegou tarde, a decisão já está tomada.

MEDEIA

Quem decide o que quer que seja sem ouvir a outra parte,
mesmo que decida com justiça, não é justo.

CREONTE

Por acaso ouviste Pélias[40] antes de ele suportar o suplício?
Mas fala, há que dar uma oportunidade a tão egrégia causa.

MEDEIA

Quão difícil é desviar da cólera um espírito
já por ela inflamado e quão próprio de todo o rei
que empunha um ceptro com mãos arrogantes
é continuar a caminhar pela via que encetou: foi o que [aprendi no meu palácio.
Embora eu esteja esmagada por uma calamidade
deplorável, exilada, suplicante, sozinha, abandonada,
atormentada de todos os lados, outrora eu reluzi com a [nobreza de meu pai,
e do meu avô, o Sol, herdei a gloriosa linhagem.
Todas as terras que o Fásis[41] banha com vagarosos
meandros, todas as terras que o Mar Cítico vê atrás de si,
lá onde as águas dos mares se dulcificam com as águas
dos pântanos, toda a região que entra em pânico perante [o exército armado de peltas[42],

---

[40] Cf. v. 133-134.

[41] Cf. v. 44, 102, 451, 762.

[42] As Amazonas, mulheres guerreiras, sem marido; armavam-se com escudos leves, em forma de crescente. Representam os povos bárbaros.

mulheres sem maridos, barradas pelas margens do
[Termodonte[43],
é tudo isso que o meu pai governa com o seu poder.
Nobre, abastada, dotada de esplendor real,
eu reluzi: nessa altura pretendiam desposar-me pretendentes,
que agora são pretendidos[44]. A fortuna, fogosa
e inconstante[45], arrancou-me do trono e, precipita-
[damente, mandou-me para o exílio.
Confia na realeza, ainda que o frívolo acaso desbarate
as grandes riquezas em todas as direcções! Os reis têm
[este privilégio
magnífico e extraordinário, que não lhes pode ser tirado:
socorrer os infelizes e proteger os suplicantes
num lar seguro. Apenas isto eu trouxe do reino da Cólquida:
aquela imensa glória da Grécia e a sua ilustre flor,
baluarte da nação argiva e descendência dos deuses,
fui eu que a salvei. É oferenda minha Orfeu,
que deleita as pedras com seu canto e arrasta atrás de si
[as florestas;
também são minha oferenda os divinos gémeos Castor e Pólux

[43] Rio da Capadócia, em cujas margens habitavam as Amazonas.

[44] Para alguns estudiosos, Medeia está a referir-se ao próprio Jasão, que, em tempos, quis que ela casasse com ele. Mas, agora, é ela que gostaria que ele a desposasse. Para outros, Medeia fala de pretendentes que outrora desprezou e que poderá vir a procurar. Na peça não se volta a falar das segundas núpcias de Medeia, mas nalgumas versões, ela casa com Egeu, em Atenas, ou com Aquiles, nos Campos Elísios.

[45] Ao atribuir a sua queda à fortuna, Medeia torna a precariedade da sua vida um exemplo da precariedade do poder real.

e os filhos do Bóreas[46] e aquele que para além do Ponto
vê o que está distante, com um relance do olhar, Linceu[47];
e mesmo até os Mínias[48]. Já não falo do chefe dos chefes[49];
por ele não há qualquer dívida; não o incluo nas contas
[de ninguém:
trouxe os restantes para vós, este trouxe-o apenas para mim.
Ataca-me agora e acusa-me de tudo o que é ignomínia.
Confessarei. Por um só crime tenho de responder:
o regresso do navio Argo. Podia a donzela que eu era ter
[escolhido o recato
e ter escolhido o pai: toda a terra pelasga desabaria
com os seus chefes e, primeiro do que todos, este teu genro
seria morto pelas chamas da boca do bravio touro.
[Pode a fortuna esmagar a minha causa como quiser,
não me arrependo de ter assegurado a glória de tão
[numerosos reis!]
A recompensa que obtive de todos os meus crimes
está nas tuas mãos. Se assim o decidires, condena a ré,
mas devolve-lhe o objecto do crime. Sou culpada,
[confesso, Creonte.
Mas tu já sabias que eu o era, quando toquei os teus joelhos
e, suplicante, procurei a garantia de protecção da tua dextra.
Peço-te, agora, um canto, uma morada para a minha desdita,
um humilde refúgio. Se decidires expulsar-me da cidade,
seja-me atribuído um lugar remoto, algures no teu reino.

[46] Zetes e Cálais. Bóreas, deus do vento do Norte.
[47] Linceu, capaz de ver até o que no subsolo se encontrava, era famoso pela acuidade da sua visão.
[48] Alusão aos Argonautas.
[49] Jasão.

Creonte

Não sou homem para empunhar o ceptro de forma
despótica nem para calcar com altivez o infortúnio alheio:
parece-me que o provei com bastante clareza,
ao escolher para genro um exilado, abatido e assustado
com o fardo do medo, pois Acasto, senhor do reino
da Tessália, reclama-o para o castigar e matar[50].
Queixa-se de que o seu pai, já abalado pela débil velhice,
carregado com o peso dos anos, foi assassinado e o [cadáver do ancião
foi desmembrado, quando, levadas pelos teus ardis,
as irmãs, na sua piedade, cometeram um crime desapiedado.
Jasão pode defender a sua causa, se separares
a tua da dele. Não há sangue derramado a contaminar
a sua inocência, a sua mão não tocou na espada
e manteve-se longe, afastado da tua companhia.
Tu, tu, maquinadora de acções criminosas,
que tens a maldade feminina capaz de tudo ousar
e uma força varonil, sem nenhuma consideração pela [tua reputação,
parte, limpa o meu reino, leva contigo, ao mesmo tempo,
as tuas ervas letais, liberta os cidadãos do medo,
desafia os deuses, instalada noutra terra.

Medeia

Obrigas-me a fugir? Devolve à fugitiva o seu navio
e devolve-lhe o companheiro. Porque me mandas fugir sozinha?

---

[50] Acasto queria vingar a morte de seu pai, Pélias.

Eu não cheguei sozinha. Se receias suportar uma guerra,
expulsa-nos a ambos do reino. Porque diferencias
dois culpados? É no interesse dele, não no meu, que
[Pélias jaz morto.
Acrescenta a isto a fuga, a pilhagem, o meu pai abandonado,
o meu irmão mutilado, em suma, tudo o que este
[marido ainda agora
ensina às novas esposas. A responsabilidade não é minha:
quantas vezes me comportei como criminosa, mas
[nunca no meu interesse!

Creonte

Já devias ter partido. Porque é que adias com a tua conversa?

Medeia

Antes de me ir embora, faço-te, suplicante, um apelo
derradeiro: que a culpa da mãe não arraste os inocentes filhos.

Creonte

Vai. Abraçá-los-ei contra o meu peito de progenitor,
[como um pai.

Medeia

Pelo auspicioso leito do tálamo real, pelas tuas esperanças
do futuro e pela estabilidade dos reinos,
que a volúvel Fortuna altera com as suas mudanças
caprichosas, eu suplico, concede à fugitiva um ligeiro atraso,

para beijar os meus filhos, pela derradeira vez, eu, uma mãe
talvez prestes a morrer.

Creonte

desconfiado
Estás a pedir tempo para algum embuste.

Medeia

Que embuste se pode temer em tão pouco tempo?

Creonte

Para quem é pérfido nenhum tempo é curto para prejudicar.

Medeia

Estás a recusar a uma infeliz mãe uns momentos para chorar?

Creonte

Embora o receio cravado em mim me faça resistir às
[tuas súplicas,
ser-te-á concedido um dia apenas, para preparares o exílio.

Medeia

É demasiado, podes cortar uma parte desse tempo:
também eu tenho pressa em partir.

Creonte

Receberás a pena capital,
se, antes de Febo fazer o dia clarear, não te afastares do Istmo.

Rituais de casamento me reclamam,
reclama preces a Himeneu este dia festivo.

Saem Creonte, Medeia, a Ama

Coro

Demasiado audacioso aquele que, pela primeira vez,
rasgou os traiçoeiros mares em tão frágil embarcação;
viu a sua terra atrás de si
e entregou a vida aos ventos inconstantes;
cortando as águas com uma rota incerta,
ousou confiar numa tábua precária,
desenhando-se uma tão ténue
fronteira entre a vida e a morte.
Ninguém conhecia ainda os astros
nem se usavam as estrelas
com que o céu se embeleza; as embarcações ainda não
tinham forma de evitar as Híades pluviosas[51],
nem o brilho da Cabra de Óleno[52],
nem o carro ático que o lento
Bootes segue e dirige[53];

[51] Um conjunto de cinco estrelas, na constelação *Taurus*, associado à chuva primaveril.

[52] *Capella* é a estrela mais brilhante da constelação *Auriga*, que resulta da metamorfose de Amalteia, a cabra com cujo leite Júpiter se alimentou em criança ou a ninfa a quem pertencia a cabra. A estrela está relacionada com as tempestades. O termo *Olenius* 'de Óleno' pode resultar do facto de a ninfa ser filha de Óleno, filho de Hefesto, ou de a ninfa ser oriunda de uma cidade na Acaia, de nome Óleno, ou da circunstância de a estrela se encontrar no braço (gr. *ôlenê*) da constelação.

[53] Muitos textos referem o movimento lento da constelação Bootes, ou Boieiro. O adjectivo 'ático' advém provavelmente do

ainda nem o Bóreas ainda nem o Zéfiro
tinham nome[54].
Tífis[55] teve a audácia de desfraldar as velas
no vasto mar
e ditar novas leis aos ventos,
ora estendendo o pano em toda a sua extensão,
ora apanhando o Noto obliquamente,
afrouxada a escota, ora fixando
com segurança a verga a meio mastro,
ora prendendo-a de novo ao topo,
quando o marinheiro, na sua ânsia enorme,
quer o vento todo ou quando, na extremidade da gávea,
esvoaça a bandeirola rubra[56].

Os nossos pais viveram em tempos
magníficos dos quais o embuste estava bem arredado[57].
Cada um ficava tranquilamente nos seus litorais
e chegava à velhice nos campos ancestrais,
rico com pouco; não conhecia senão
as riquezas que o solo pátrio produzia.

---

facto de Bootes ser por vezes ser identificado com o ateniense Icário, pai de Erígone.

[54] Ventos do Norte e do Oeste, respectivamente.

[55] Cf. v. 2.

[56] O poeta faz uma breve descrição das diversas velas possíveis: a vela a todo o pano, provavelmente em panos quadrados (v. 321); a vela com um pano para o vento que surge lateralmente (v. 322-323); a verga que se baixa até meio do mastro para enfrentar ventos mais fortes (v. 323-324); e, para conseguir mais velocidade, a vela a todo o pano reforçada por uma outra adicional, içada no topo do mastro e nas duas extremidades das vergas (*supparum,* v. 325-328). Cf. Cassom 1971 229-245.

[57] A Idade de Ouro.

As leis de um mundo bem delimitado,
o navio de pinho da Tessália[58] reduziu-as a uma só
e obrigou as águas a submeterem-se aos golpes
dos remos e tornou o mar mais remoto
parte do nosso medo.
Aquele ruim navio expiou pesados castigos,
conduzido através de perigos tão vastos, quando
duas montanhas[59], portões das profundezas marítimas,
uma de um lado, outra de outro, chocando de súbito,
fizeram ecoar um som como que vindo do céu,
e as águas, apanhadas a meio, salpicaram cumes
e nuvens. Empalideceu o corajoso Tífis e deixou escapar
de sua mão vacilante todas as rédeas[60],
Orfeu ficou em silêncio, com a lira entorpecida,
e o próprio navio Argo perdeu a voz[61].
Que dizer da virgem de Peloro, na Sicília[62],
quando, com o seu ventre cingido de raivosos cães,
abriu ao mesmo tempo todas as suas goelas?
Quem não sentiu todos os seus membros arrepiarem-se,
ao ver um único monstro a soltar tantos latidos?
Que dizer das amaldiçoadas criaturas[63], quando

[58] O navio Argo feito de madeira das árvores do monte Pélion, na Tessália.

[59] As Simplégades.

[60] A metáfora refere-se provavelmente às cordas do navio, cujo controlo Tífis perde; cf. v. 2;

[61] O navio falava e tinha o dom da profecia.

[62] Sila.

[63] As Sirenes. *Pestis* é termo de invectiva, aqui traduzido por 'criatura'.

acalmaram o mar da Ausónia[64] com a sua voz melodiosa, quando, fazendo ressoar a lira da Piéria,
Orfeu da Trácia
quase forçou Sirene a segui-lo, habituada
que estava a fazer parar os navios com o seu canto?
Qual foi a recompensa desta viagem? O velo de ouro
e um mal maior do que o mar — Medeia,
pagamento digno do primeiro navio.
Agora o mar já cedeu e submete-se
a todas as nossas leis:
não se procura uma embarcação construída pela mão
de Palas[65], movida a remos por uma equipagem de reis, [uma Argo famosa;
qualquer pequeno barco erra hoje sobre o pélago.
Todos os marcos fronteiriços foram deslocados,
e as cidades construíram muralhas em novos territórios.
O mundo abriu-se e não deixou nada
onde antes estivera:
o Indo bebe do gelado Araxes[66],

[64] Os habitantes da Ausónia são os primeiros habitantes da Campânia e das ilhas do Mar Tirreno; o vocábulo é usado de forma poética para designar os Romanos.

[65] Séneca salienta a participação de Palas Atena na construção do barco, de forma a distinguir Argo das outras embarcações. No entanto, outros autores referem como construtores da embarcação homens como Argo, Glauco e Jasão.

[66] Rio da Arménia, que desagua no Mar Cáspio. Representa a extremidade oriental do mundo romano.

os Persas bebem do Elba[67] e do Reno[68].
Em anos futuros virão gerações,
para as quais o Oceano afrouxará as rédeas
da natureza, e a terra mostrar-se-á incomensurável,
Tétis desvendará novos mundos,
e Tule não será a mais remota das regiões[69].

Ama e Medeia entram
Ama

ao ver Medeia sair de casa apressada
Filha, para onde caminhas com tal rapidez, afastando-te
de casa? Espera, refreia a ira, contém o ímpeto.
aparte
Como uma Ménade se move, absorta, com um andar
inspirado, quando, possuída pelo deus, delira[70]
no cume do alvo Pindo[71] ou nas alturas do Nisa[72],
assim Medeia corre para aqui e para ali, numa desenfreada
agitação, com sinais de delirante furor no rosto.
As faces estão inflamadas, respira ofegante,
grita, banha os olhos com um pranto copioso,

[67] Rio da Germânia. Os Romanos fizeram várias tentativas para estender o seu poder nesta direcção.

[68] O Reno demarcava a fronteira oriental da Gália romana.

[69] A terra mais afastada, a Norte, que os Gregos e os Romanos conheciam. Existe uma descrição de Tule do séc. IV a.C. que pode remeter para a Islândia ou para a Noruega, mas os escritores tardios identificam-na com as ilhas escocesas Shetlands.

[70] As Ménades ou Bacantes adoravam Baco ou Dioniso.

[71] Uma extensa cadeia de montanhas entre a Tessália e a Macedónia. Era tradicionalmente fria.

[72] Nisa é uma cidade e uma montanha da Índia, consagradas a Baco.

está radiante, dá provas de toda a espécie de sentimentos;
hesita: ameaça, abrasa-se de raiva, queixa-se, geme.
Para onde se inclinará o peso da sua animosidade? Onde
[deporá as suas ameaças?
Onde se quebrará essa vaga? A sua loucura transborda.
Congemina consigo própria um crime que não há-de
[ser simples nem comum;
Vencer-se-á a si mesma. Reconheço os sinais de uma ira antiga.
Prepara-se algo de importante, selvagem, medonho, ímpio.
Vejo o rosto da Loucura. Possam os deuses afastar o meu receio!

Medeia

Se procuras saber que limite hás-de impor ao teu ódio,
[ó desditosa,
copia o teu amor. Suportar, eu, os fachos do himeneu real
sem vingança? Deixar passar de braços cruzados este dia
tão ansiosamente implorado, tão ansiosamente concedido?
Enquanto a terra estiver no centro e equilibrar o céu[73],
e o cintilante universo mantiver os seus ciclos constantes,
enquanto os grãos de areia não tiverem conta, e o sol
[aparecer com o dia,
e os astros, com a noite, enquanto as Ursas girarem secas
no pólo[74], enquanto os rios desaguarem no mar,
o meu furor vingativo jamais cessará

[73] O universo é geocêntrico e as estrelas encontram-se equidistantes da terra, nesta visão cosmogónica.

[74] Na região mediterrânea a Ursa Maior e a Ursa Menor nunca ficam abaixo do Oceano e nunca tocam o mar. Mais adiante Medeia diz ter feito as Ursas tocarem o mar (v.758-759).

e crescerá sempre. Que monstruosidade ferina,
que Cila, que Caríbdis[75], sugando as águas
do mar da Ausónia e da Sicília, ou que Etna, encerrando
um Titã ofegante[76], borbulharia com tamanhas ameaças?
Nem a corrente impetuosa nem o tempestuoso mar
nem o Ponto enraivecido pelo Cauro[77] nem a violência
das chamas atiçadas pela ventania conseguiriam imitar
o ímpeto da minha ira: vou derrubar e destruir tudo.
Teve Jasão medo de Creonte e das armas do rei da [Tessália[78]?
Um amor verdadeiro não há-de temer ninguém.
Mas, mesmo que, coagido, ele se tivesse entregado e rendido,
pelo menos podia ter vindo aqui falar à sua mulher
numa última conversa. Também isto ele receou, esse valente!
Pelo menos podia, como genro, adiar a hora
do cruel exílio. Foi-me concedido apenas um dia
para dois filhos. Não me queixo de ser escasso o tempo,

[75] Cila era um monstro que à entrada da sua caverna, no estreito de Messina, entre Itália e Sicília, devorava os marinheiros. Caríbdis era um remoinho de água, situado em frente de Cila.

[76] Os Titãs são os filhos de Úrano e de Gaia. Constituem a geração divina primitiva e travaram uma luta com os deuses olímpicos, a chamada Titanomaquia. No século I d.C. é frequente a confusão entre Titãs, Gigantes e outros monstros semelhantes. O passo pode remeter para Tifeu, ou Tífon, que, segundo Hesíodo, descende de Gaia e do Tártaro, ou pode reportar-se ao gigante Encélado, ambos monstros prisioneiros do Etna. Há que considerar também a hipótese de Séneca ter em mente um episódio concreto que se passou com Tífon, na fase final da perseguição movida por Zeus. É possível explicar a circunstância de o Titã se encontrar ofegante por ter tentado fugir de Zeus, correndo pelo mar da Sicília. Mesmo assim não escapou ao deus, que lhe arremessou o monte Etna, esmagando-o.

[77] O vento do Noroeste.

[78] Acasto.

há-de revelar-se tempo a mais. Este dia fará, fará
o que ninguém, no futuro, calará. Atacarei os deuses
e tudo haverei de abalar.

Ama

Serena o teu espírito perturbado
pelo sofrimento, senhora; acalma a tua animosidade.

Medeia

Só terei descanso
quando vir o universo desabar em ruínas juntamente
comigo: que tudo desapareça comigo. É agradável
[arrastar outrem, quando se perece.

Ama

Examina os inúmeros perigos que tens a recear, se persistes.
Ninguém ataca impunemente os poderosos.

Jasão entra

Jasão

para si próprio
Ó cruel destino, sempre, ó sorte amarga,
igualmente maligna, quando se enfurece e quando nos poupa!
Quantas vezes a divindade encontrava para mim remédios
piores do que os riscos: se quisesse ser fiel
à minha mulher, tal como ela merece, teria de oferecer
a minha cabeça à execução. Para não morrer, tinha de esquecer
a fidelidade, oh desditoso! Não foi o medo que venceu
[a minha fidelidade,

mas o amor de pai alarmado: a seguir à morte dos pais, viria
certamente a da minha descendência. Ó Justiça sagrada, [se habitas
o céu, invoco e chamo como testemunha o teu poder divino:
os filhos queridos venceram o pai. Até a própria mãe,
embora de coração selvagem e avessa ao jugo,
penso que haveria de preferir olhar pelos filhos
em vez do casamento. A minha alma está decidida a abordar, [com súplicas, esta mulher irada.
aproximando-se de Medeia
E eis que, ao ver-me, deu um salto, está em fúria,
ostenta ódio: revela-se-lhe no rosto o seu ressentimento todo.

Medeia

Estou em fuga, Jasão, estou em fuga. Não é novidade
mudar de morada; nova é a causa da fuga:
era por ti que me punha em fuga. Vou-me embora, parto.
A mim obrigas-me a afastar-me dos teus Penates.
Para onde me mandas de volta? Regressar ao Fásis[79] e [aos Colcos,
ao reino de meu pai e aos campos que o sangue
de meu irmão ensopou? A que terras me mandas regressar?
Que mares me destinas? A entrada do estreito do Ponto[80],
por onde trouxe de volta uma nobre multidão de reis,
seguindo um adúltero através das Simplégades?
Hei-de regressar à Iolco do teu tio ou à tessálica Tempe[81]?

[79] Cf. v. 44, 102, 211, 762.
[80] O Bósforo ou o Helesponto, ou ambos.
[81] Um vale do Peneu, situado entre as montanhas Ossa e Olimpo. Pertencia ao reino de Acasto.

Todos os caminhos que abri para ti, fechei-os para mim.
Para onde me mandas tu de volta? Impões a uma exilada
o exílio, mas não lhe dizes onde. Há que partir. Foi o genro [do rei que o deliberou:
nada a opor! Aplica-me também castigos terríveis:
mereci-os! Possa a ira do rei mortificar a amante
com cruentas penas, carregar as suas mãos com correntes
e enterrá-la, aprisionando-a nas masmorras da eterna [escuridão.
Sofrerei menos do que mereço! Criatura ingrata,
que o teu espírito se recorde do bafo ígneo dos touros
e, entre o medo terrível de uma raça invencível[82],
das bestas flamejantes de Eetes no campo que fazia [nascer homens armados
e dos dardos do súbito inimigo, quando, por minha ordem,
os soldados nascidos da terra tombaram numa carnificina [recíproca;
acrescenta-lhe os ambicionados despojos do carneiro de [Frixo
e o monstro insone, a quem foi ordenado que entregasse
os olhos a um sono que desconhecia; o meu irmão [traiçoeiramente assassinado
e, nesse único crime, um crime cometido mais do que [uma vez;
e as filhas, enganadas pelo meu embuste, induzidas
a cortar os membros de um velho, que não havia de [regressar à vida.

[82] Eventual alusão aos Colcos ou aos guerreiros que nasceram dos dentes do dragão.

[Ao procurar um reino alheio, abandonei o meu próprio].
Pela esperança que tens nos teus filhos, pelo lar que
asseguraste, pelos monstros que eu derrotei, pelas mãos
que, por ti, nunca poupei, pelos perigos passados,
pelo céu e pelas ondas, testemunhas do meu casamento,
compadece-te! Dá à suplicante a recompensa, afortunado
[que és.
Daquelas riquezas que os Citas pilham em terras distantes,
trazendo-as desde os povos da Índia crestados pelo sol[83]
(como o nosso palácio está cheio e mal tem espaço
para estes tesouros, ornamos os bosques com ouro[84]),
[dessas riquezas nada trouxe para o exílio,
a não ser os membros do meu irmão[85]: e também estes
[eu sacrifiquei por ti.
Por ti a minha pátria recuou, por ti o meu pai, o irmão,
[a honra.
Foi este o dote com que me casei. Restitui a esta fugitiva
[o que lhe pertence.

Jasão

Creonte, embora te quisesse mandar matar, na sua
[hostilidade,
vencido pelas minha lágrimas, acabou por decretar o teu exílio.

[83] Havia uma estrada de comércio que passava pela Cólquida, vinda da Índia.

[84] Depreende-se destas palavras que o velo de ouro estava suspenso numa árvore, por não haver espaço suficiente no palácio. Segundo a tradição, motivos religiosos levaram a colocá-lo aí.

[85] Acerca da morte do irmão de Medeia, cf. n. 34.

Medeia

Pensava eu que era um castigo: afinal o exílio é uma
[recompensa, estou a ver.

Jasão

Enquanto te é permitido partir, foge, escapa-te daqui.
A ira dos reis é sempre pesada.

Medeia

Estás a dar-me esse conselho,
mas é Creúsa que proteges: desembaraças-te de uma
[amante odiosa.

Jasão

Medeia censura os meus amores?

Medeia

E a carnificina e os ardis.

Jasão

Mas de que crime podes realmente censurar-me?

Medeia

De todos os que cometi.

Jasão

Só faltava mais esta:

eu ser culpado dos teus delitos.

Medeia

Eles são teus, sim, eles são teus: quem tira partido de um delito
pratica-o. Mesmo que todos acusem a tua mulher de infâmia,
sozinho tens de a defender, sozinho tens de a declarar
inocente. Tu deves considerar como inocente todo aquele que por ti se tornou nocivo.

Jasão

Não é grata a vida daquele que se envergonha de a ter aceitado.

Medeia

Não a deve conservar quem se envergonha de a ter aceitado.

Jasão

Pára, refreia o teu coração exacerbado de ira.
Acalma-te, pelos teus filhos.

Medeia

Eu rejeito-os, bano-os, escorraço-os.
Será que Creúsa vai dar irmãos aos meus filhos?

Jasão

Sim: apesar de rainha, a filhos de exilados; a desafortunados,

[apesar de poderosa.

Medeia

Não chegue nunca para os desditosos tão ruim dia que
mistura uma linhagem vil com uma linhagem ínclita,
descendentes de Febo com descendentes de Sísifo[86].

Jasão

O quê? Mulher desditosa, arrastas-nos a ambos
para a ruína? Vai-te embora, suplico-te.

Medeia

Creonte ouviu a minha súplica.

Jasão

O que posso eu fazer? Diz.

Medeia

Por mim, até mesmo um delito!

Jasão

Aqui há um rei e outro ali!

Medeia

Também há algo mais assustador do que eles:

[86] A associação de Creonte a Sísifo deriva do facto de este ter sido, segundo algumas versões, o fundador de Corinto.

Medeia. Nós †é unirmo-nos[87]. Vamos à luta,
seja Jasão o prémio!

JASÃO

Desisto, cansado de sofrimento.
E os acasos da fortuna, que já muitas vezes experimen-
[taste, teme-os, tu própria.

MEDEIA

A fortuna, todas as vezes que se manifestou, foi sempre
[inferior a mim[88].

JASÃO

Acasto aproxima-se.

MEDEIA

Creonte é o inimigo que está mais perto.
Foge de ambos. Medeia não te obriga a pegares
em armas contra o teu sogro, nem a que te macules
com a chacina da família: enquanto és inocente, foge comigo.

JASÃO

E quem conseguirá resistir, se sobrevierem duas guerras,
se Creonte e Acasto unirem forças?

---

[87] O texto é corrupto. A inteligibilidade do passo mantém-se, todavia.

[88] Na filosofia estóica o sábio é sempre superior à fortuna. A fortuna (*fortuna*) e o acaso (*casus*) são temas recorrentes nesta peça; cf., entre outros, v. 221-222, 219-220, 242, 287, 568-569.

Medeia

Acrescenta a esses os Colcos, acrescenta-lhes também
[Eetes a chefiá-los,
junta-lhes os Citas com os Pelasgos. Fá-los-ei afundar.

Jasão

Apavoram-me os altivos ceptros.

Medeia

Zela por não os ambicionares.

Jasão

Acaba com esta longa conversa, não vá ela levantar suspeitas.

Medeia

Soberano Júpiter, enche agora o céu inteiro com trovões,
estende a tua dextra, prepara os clarões da vingança,
rasga as nuvens e abala todo o universo.
Não balances os projécteis numa mão que escolhe
entre mim e esse aí; aquele que dentre nós cair
perecerá como culpado; contra nós o teu raio
não tem como errar.

Jasão

Começa a pensar com sensatez
e a falar com calma. Se na casa do meu sogro algo
pode servir de alívio ao teu exílio, pede-o.

Medeia

O meu espírito consegue e está habituado a desprezar a
[riqueza dos reis,
como sabes. Só quero poder ter a companhia
dos meus filhos no exílio, para no seu regaço
derramar lágrimas; a ti esperam-te novos filhos.

Jasão

Confesso que desejaria satisfazer o teu pedido;
mas o amor paternal impede-mo: isso é coisa que não
[poderia suportar,
nem mesmo que ele, rei e sogro, me obrigasse.
Esta é a minha razão de viver, este é o consolo de um
coração consumido de aflições. Mais rapidamente poderia
ficar sem ar, sem membros, sem luz.

Medeia

aparte
Ama assim tanto os filhos?!
Está bem, já o apanhei, descobri-lhe o ponto fraco.
dirigindo-se a Jasão
Como vou partir, deixa-me pelo menos fazer-lhes
as últimas recomendações, deixa-me abraçá-los pela
[última vez.
Também por isso ficarei grata. Em palavras derradeiras
[peço-te ainda;
se, na minha indefinível angústia, disse algo excessivo,
não guardes essas palavras no espírito; fique contigo
a memória do melhor de mim; os momentos de cedência à ira,

esquece-os.

Jasão

Já expulsei tudo isso do meu espírito;
também eu próprio tenho um pedido a fazer-te, que
[controles a tua fogosa alma
e a trates de acalmar. A serenidade modera o infortúnio.

Jasão sai

Medeia

Foi-se embora! Como é isto possível? Vais sem te
lembrares de mim e dos meus tão numerosos actos iníquos?
[Desapareci da tua mente?
para ela própria
Não, nunca hei-de desaparecer! Vamos, reúne toda
a força e perícia. O que ganhaste com os teus delitos foi
nada considerares como delito. Quase não há lugar
para o embuste: têm medo de mim. Ataca onde não há
[a possibilidade de alguém
ter medo seja do que for. Vá, sê audaz agora, desencadeia
o que quer que Medeia consegue, o que quer que ela
[não consegue!
para a Ama
Tu, fiel ama, companheira da minha amargura
e das vicissitudes da minha sorte, ajuda esta desditosa
[nos seus planos.
Eu tenho um manto, uma dádiva celeste que faz a glória
da minha casa e do meu reino, oferecido a Eetes pelo Sol,

como garante da sua origem[89]; tenho também um [refulgente colar
de malha de ouro e uma peça em que cintilantes jóias
realçam o ouro que costuma servir para cingir os cabelos[90].
Que os meus filhos os levem como oferendas nossas à noiva!
Mas, primeiro, há que untá-los e impregná-los com as [minhas terríveis artes.
Invoquemos Hécate. Prepara um sacrifício letal: ergam-se
altares, crepitem desde logo as chamas no palácio.
Medeia e a Ama saem

Coro

Nem a violência da chama nem a do vento intumescido
nem a do dardo lançado ameaçadoramente é tão grande
como quando uma esposa desapossada dos fachos
nupciais se inflama e manifesta ódio;
nem quando o nebuloso Austro traz
chuvas invernais[91], e o Histro se precipita
torrencialmente, impedindo as pontes de se manterem
firmes, e transborda ao acaso[92];
nem quando o Ródano empurra o mar profundo

[89] O Sol era pai de Eetes.

[90] Fica assim explicado pela própria Medeia que algumas oferendas, pelo menos, ela trouxe da Cólquida; cf. v. 486-487.

[91] Vento do Sul, associado às chuvas e ao nevoeiro.

[92] O Danúbio inferior. A palavra em grego significa etimologicamente “aquele que faz parar”; Séneca explora o paradoxo; cf. v. 763.

ou quando as neves se liquefazem em correntes
e com um sol já forte e em plena Primavera
se funde o Hemo[93].
É cego o fogo atiçado pela ira:
não procura controlar-se, não suporta freios
e não receia a morte; anseia por enfrentar
as próprias espadas.
Poupai-nos, ó deuses, suplicamo-vos a graça
de que possa viver em segurança aquele que subjugou
os mares. Mas o senhor do mar profundo enfurece-se
por o segundo reino ser conquistado[94].
O jovem que ousou dirigir o carro eterno,
esquecido da trajectória de seu pai,
foi ele próprio vítima dos fogos que, em desvairo,
espalhou pelos céus[95].
Caminho já trilhado não se paga caro:
vai pelo caminho seguro das gerações precedentes,
não quebres, homem violento[96], as sacrossantas
leis do universo.
Todo aquele que tocou nos nobres remos
do audacioso navio e despojou o Pélion
da frondosa sombra do sagrado bosque[97],
todo aquele que passou os rochedos movediços[98]

---

[93] Uma cordilheira no Norte da Trácia.

[94] Quando Crono foi destronado, Júpiter ficou com o reino do céu, Neptuno com o controlo do mar e Plutão com o domínio das regiões infernais.

[95] Faetonte; cf. v. 32-36.

[96] Pode estar a dirigir-se a Faetonte ou à humanidade em geral.

[97] Na religião romana e na mitologia os bosques são sagrados.

[98] As Simplégades; cf. v. 342-346.

e percorreu as tão numerosas rotas do mar
e lançou amarras num ancoradouro bárbaro,
pretendendo regressar depois de roubar o ouro
estrangeiro, expiou, com uma morte terrível,
a profanação das leis do oceano.
O mar, quando é desafiado, reclama vingança:
entre os primeiros está Tífis[99], vencedor do mar profundo,
que deixou o leme a um piloto ignaro;
é num litoral estrangeiro, depois de morrer
longe do reino paterno, coberto com um montículo
de terra humilde, que ele jaz entre sombras ignotas.
Desde então Áulis recorda-se do rei que perdeu[100]
e retém nos seus morosos portos as embarcações
queixosas de permanecerem paradas.
O ínclito homem[101], filho da melodiosa Camena[102]—
ao som de cujas cordas, tangidas com o plectro[103],
as torrentes paravam, os ventos se silenciavam,
ao encontro do qual esvoaçou um pássaro que [abandonou
o seu canto, com toda a floresta a acompanhá-lo —
esse homem jaz retalhado nos campos da Trácia,
com a cabeça a boiar no sombrio Hebro[104]:

---

[99] Cf. v. 2, 318.

[100] Tífis é oriundo da Beócia, mas não existe nenhuma tradição que lhe atribua o reino da Beócia. O verso pode, no entanto, ter um sentido mais lato e querer significar que qualquer argonauta era de família real e que Áulis, porto famoso da Beócia, choraria qualquer beócio que fosse um bom marinheiro.

[101] Orfeu, filho de Calíope; cf. v. 227-229.

[102] Deusas romanas que, a partir de Lívio Andronico, passaram a ser identificadas com as Musas.

[103] Varinha de marfim com que se tangiam as cordas a lira.

[104] Orfeu retalhado pelas mulheres da Trácia.

chegou ao Estige que já conhecia[105] e ao Tártaro,
donde não regressará.
Alcides[106] derrubou os filhos de Aquilão[107],
assassinou aquele que descendia do pai Neptuno,
acostumado a tomar inúmeras formas[108];
ele mesmo, depois de pacificar a terra e o mar,
depois de abrir os reinos do fero Dite[109],
sepultando-se, ainda vivo, no Eta a arder[110],
ofereceu os seus membros às vorazes chamas,
consumido pelo veneno de dois sangues,
dádiva da esposa[111].
O violento javali derrubou Anceu
com um golpe[112]. Sacrificas impiamente, Meleagro,
os irmãos da tua mãe e morres às mãos

[105] Alusão à malograda viagem de Orfeu em demanda de Eurídice.

[106] Hércules, um dos argonautas, filho de Alceu.

[107] Aquilão é o equivalente latino de Bóreas; cf. v. 231.

[108] Alusão a Periclímeno, por sua vez, filho de Neleu, filho de Neptuno; era capaz de se transformar no que quer que fosse. Quando Hércules atacou Pilos, transformou-se numa abelha ou numa águia, mas Hércules reconheceu-o apesar do disfarce e matou-o. A atribuição da sua paternidade a Neptuno suscita alguma controvérsia.

[109] Hércules desceu às regiões infernais para capturar Cérbero.

[110] Hércules agonizante com dores, depois de vestir uma túnica envenenada, faz uma pira fúnebre no cimo do Eta e suicida-se. O monte Eta ficava no Sul da Tessália.

[111] O centauro Nesso, mortalmente ferido por Hércules, oferecera a Dejanira o seu próprio sangue, dizendo-lhe que era um filtro amoroso. Dejanira embebe na poção uma túnica, que oferece a Hércules. Fala-se em dois sangues, porque o centauro já tinha sido contaminado pelo sangue da Hidra de Lerna, outra das vítimas de Hércules.

[112] Anceu foi morto na caçada ao javali da Caledónia.

da tua mãe enraivecida[113]. Todos o mereceram.
Mas que crime expiou, com a sua morte, o rapaz
de tenra idade que o poderoso Hércules nunca encontrou,
arrebatado, ó que infortúnio, por águas seguras[114]?
Ide agora, homens valentes, lavrai o mar,
quando há que temer uma fonte.
Ídmon, embora conhecesse bem o seu destino,
matou-o uma serpente, nas areias da Líbia[115].
Profeta verdadeiro para todos, falso apenas para si próprio,
Mopso morreu e não teve sepultura na sua Tebas[116].
Ainda que cantasse, com verdade, os acontecimentos
[vindouros,
haveria de andar errante no exílio o marido de Tétis[117]. 657
Vítima de um raio e do mar, o filho de Oileu 661
* * * e sofreria o castigo 660a
pelo crime do pai[118]; 660b

---

[113] Alteia, mãe de Meleagro ficou zangada, porque o filho, depois de matar o javali, deu os despojos a Atalanta, que fora a primeira a ser ferida pela fera. Os irmãos de Alteia envolveram-se numa disputa com Meleagro, que os matou. Alteia lançou então às chamas um toro de madeira mágico, do qual dependia a vida do filho.

[114] Hilas, raptado pelas ninfas de uma fonte.

[115] Ídmon era um vidente que se juntou à expedição dos Argonautas, apesar de saber que iria morrer. Há várias narrativas sobre a sua morte, apenas Séneca a atribui à picada de uma serpente; poderá haver confusão com Mopso.

[116] Mopso tinha poderes proféticos, tal como Ídmon, mas, segundo Séneca, terá feito profecias erradas em relação a si mesmo. Apolónio de Rodes diz que as suas profecias não o conseguiram salvar (4.1503-1504). Morreu picado por uma serpente na Líbia, para onde o navio Argo se tinha desviado no decurso de uma tempestade.

[117] Peleu, que foi exilado por diversas vezes.

[118] O "pequeno" Ájax que combateu na guerra de Tróia e morreu numa tempestade, atingido por um raio, enviado por Atena. Ájax

658 pretendendo destruir Argos com um fogo falaz,
659 Náuplio cairá de cabeça no mar profundo[119];
662 resgatando o cônjuge, rei de Feras, do seu destino,
tu, a sua esposa, darás a vida pelo teu marido[120].
Mesmo o homem que ordenou o saque e que o despojo
665 do velo de ouro fosse transportado no primeiro navio,
[Pélias, carbonizado no caldeirão de bronze],
ardeu, debatendo-se entre as águas do recipiente.
Deuses, já vingastes suficientemente o mar:
poupai quem cumpriu ordens.

Entra a ama

Ama

670 A minha alma alvoraça-se e horroriza-se: uma grande
[catástrofe se aproxima.
É assustador ver como cresce a angústia desta mulher e
[como se inflama
a si própria e recupera a energia de outrora.
Vi-a muitas vezes a enfurecer-se e a atacar os deuses,
fazendo baixar o céu[121]: um horror maior do que estes,

---

era arrogante, cruel e ímpio e, durante a tomada de Tróia, arrastou Cassandra e a estátua de Atena, junto da qual a jovem se refugiara. Oileu, seu pai, era o rei dos Locros e participou na expedição dos Argonautas.

[119] Argonauta, pai de Palamedes. Para vingar a morte do filho acendeu um enorme fogo nos rochedos de Eubeia, para fazer os Argonautas pensar que tinham chegado a um porto. Nos versos senequianos, Náuplio morreu durante ou antes de os Gregos naufragarem.

[120] Alceste.

[121] Atribuía-se habitualmente às feiticeiras, especialmente às da Tessália, o poder de fazer descer do céu a lua e, por vezes também, o poder de fazer desaparecer o sol e as estrelas.

um horror maior está a ser preparado por Medeia.
[Quando se afastou
com um andar desvairado e chegou ao seu funesto refúgio,
serviu-se de todos os seus recursos, exibindo aquilo que
até ela própria por muito tempo temera e desenrolando todo
o acervo de malefícios — mistérios, segredos, coisas ocultas.
E, preparando um ritual sinistro com a mão esquerda,
invoca as pragas, todas as que a areia
da ardente Líbia origina e que o Tauro, enregelado
com o frio do Árctico, encerra numa neve eterna,
e todos os monstros[122]. Atraída pelos cantos de magia,
uma multidão de répteis deixa o covil e aproxima-se.
Uma aterradora serpente arrasta para aqui o corpo imenso,
mostra a língua trifurcada e procura perceber para quem
se vai tornar mortífera: ao ouvir os cantos, fica paralisada,
enrosca o corpo entumescido com um amontoado de nós
e enrola-os em espirais. "Ínfimos são os males", diz ela,
"e vis as armas que as profundezas da terra produzem:
procurarei venenos vindos do céu. Agora, agora é tempo
de preparar algo mais sublime do que um sortilégio
habitual! Que desça aqui a famosa serpente que
se estende como uma enorme torrente[123] cujos imensos
anéis sentem as duas Ursas, a Maior e a Menor,
(a Maior é útil aos Pelasgos; aos Sidónios, a Menor[124]);

---

[122] A Líbia e o Tauro representam, respectivamente, o clima quente e frio, símbolo do poder universal de Medeia.

[123] Alusão à constelação que se encontra entre as duas Ursas, designada Dragão, comparada a um rio.

[124] Estes povos orientavam-se no mar por estas constelações.

que o Ofiúco alivie, por fim, a pressão das suas mãos
e deixe o veneno espalhar-se[125]; que, aos meus cantos,
venha Píton que ousou atacar os gémeos divinos[126];
e que regresse a Hidra[127] e todas as serpentes que eram cortadas
pela mão de Hércules e renasciam da sua própria destruição.
E tu, deixa a Cólquida e aproxima-te de mim, serpente
sempre vigilante, adormecida pela primeira vez graças
[aos meus encantamentos[128]."
Depois de invocar todo o género de serpentes,
reúne os malefícios das ervas malfazejas num só montão:
todos os que o inacessível Érice[129] gera nos seus penhascos,
todos os que o Cáucaso, aspergido com o sangue de
Prometeu[130], produz, nos seus cimos envoltos em
[brancura permanente;
todas as plantas com que untam as setas os opulentos[131] Árabes,

[125] Constelação muito extensa do hemisfério boreal também designada Serpentário. É representada como um homem a lutar com uma serpente (*serpens*) enrolada no corpo e a segurar-lhe a cabeça e a cauda. Medeia pede que o animal seja libertado para que possa usar o seu veneno.

[126] Serpente gigantesca morta por Apolo. Os dois gémeos são Apolo e Diana.

[127] Um dos doze trabalhos de Hércules consistiu em matar a Hidra de Lerna, que se tornou, depois, uma constelação.

[128] A serpente que guardava o velo de ouro.

[129] A segunda montanha mais alta da Sicília, com 751 m. No seu cume erguia-se um santuário em honra de Vénus.

[130] Júpiter castigou Prometeu, por este ter dado o fogo aos homens; acorrentou-o a um rochedo e enviava-lhe uma águia todos os dias para lhe comer o fígado que constantemente renascia; cf. v. 821-824.

[131] Os árabes eram proverbialmente ricos.

os Medos[132], com seus arcos belicosos, ou os ágeis Partos[133];
ou todas as seivas que, sob um clima gélido, as nobres
mulheres suevas recolhem nas florestas da Hircânia[134];
tudo o que a terra produz no primavera cheia de ninhos,
ou quando o frio rigoroso sacode o atavio
dos bosques e envolve tudo num gelo glacial;
todas as ervas que florescem com flores letais,
toda a seiva medonha que, nas suas raízes retorcidas,
gera meios para matar, tudo isso ela manuseia.
Algumas destas pestíferas plantas vêm da montanha do
[Atos da Hemónia[135],
outras do imenso Pindo[136]; nos cimos do Pangeu[137], aquela
entregou a folhagem macia à foice ensanguentada;
a estas alimentou-as o Tigre, ao estreitar o seu leito profundo[138];

[132] A Média ficava a Sudoeste do Mar Cáspio. Os Medos foram derrotados pelos Persas e nos tempos romanos eram uma pequena tribo.

[133] Os Partos eram um povo da Pérsia, com um vasto Império desde o Indo até ao Eufrates. Excelentes cavaleiros e arqueiros, eram especialistas em simular retiradas e derrubar os seus perseguidores; cf. *Phaed.* 816. Nestes versos, considera-se que os Árabes, Medos e Partos envenenavam as suas setas, uma prática que os Antigos atribuíam, em geral, aos Bárbaros.

[134] Nem sempre, na obra de Séneca, fica claro a que região se reporta a Hircânia (cf. *Phaed.* 70; *Thy.* 630-631), no entanto, noutros passos (cf. *Ep.* 113.29), os Hircanos surgem como um povo oriental, que vive a Sudeste do Mar Negro.

[135] A Hemónia é uma região da Tessália, mas os poetas referem-na para designar toda a Tessália, que, com frequência, aparece associada à feitiçaria. Contudo o Atos não fica na Tessália. É uma montanha situada entre a Macedónia e a Trácia.

[136] Cf. n. 71.

[137] Montanha situada entre a Trácia e a Macedónia, perto de Anfípolis.

[138] O Tigre e o Eufrates são os dois grandes rios da Mesopotâmia. Os Antigos acreditavam que uma parte do curso do rio Tigre corria debaixo da terra.

àquelas, o Danúbio; a estas, o Hidaspes[139] de águas quentes,
que corre por regiões ressequidas, levando gemas[140];
àquelas, o Bétis, que deu nome ao seu território,
desaguando nos mares da Hespéria, com as suas águas
[indolentes[141].
Uma submeteu-se ao ferro, enquanto Febo preparava o dia;
daquela outra foi a haste cortada a altas horas da noite;
mas o caule desta foi unha gadanha que o cortou.
Ela colhe as ervas mortíferas, espreme
o veneno das serpentes e mistura, com aves agoirentas,
o coração de um bufo aziago[142] e as vísceras de uma
[rouca estrige,
extirpadas enquanto estava viva. A artífice de delitos
separa-os por ordem: umas têm a força voraz do fogo,
outras contêm o glacial gelo de um frio entorpecedor.
Junta aos venenos palavras não menos temíveis
do que aqueles. Ouçam, é o seu andar tresloucado que ressoa
e as suas canções! O universo estremece às suas primeiras
[palavras.

---

[139] Afluente do Indo. Na poesia latina o seu nome evoca o Oriente.

[140] A Índia era rica em pedras preciosas, pérolas, marfim e outros recursos.

[141] O rio Bétis, que é hoje o Guadalquivir, deu o nome à província da Bética, situada no Sul da Hispânia. Desagua no Atlântico. A Hespéria significa o Ocidente.

[142] O bufo é uma ave nocturna, de maior porte que os mochos e as corujas. Estava associado à morte e à feitiçaria, pois acreditava-se que as feiticeiras se transformavam em bufos. A estrige, espécie de coruja, é uma ave lendária nocturna, associada à morte e à bruxaria, que os antigos consideravam uma espécie de vampiro ou demónio infanticida.

Medeia entra

MEDEIA

Suplico à multidão de almas silentes e a vós, deuses infernais,
ao tenebroso Caos e à negra morada do sombrio Dite,
às cavernas da esquálida Morte, confinadas às margens
do Tártaro. Almas, dispensados os suplícios, corram,
[céleres, para o novo casamento[143]:
detenha-se a roda que retorce os membros de Ixíon,
[toque ele o chão[144];
sacie-se Tântalo, sem sobressaltos, nas águas de Pirene[145];
[mantenha-se o castigo — mais severo ainda — apenas
[para o sogro de meu marido,]
que a rocha, deslizando para trás entre os penedos,
[derrube Sísifo[146].
Vós também, de quem zomba o esforço gasto em vão
[com as vasilhas crivadas de furos,
filhas de Dánao[147], vinde em grupo: este dia precisa das
[vossas mãos.
Convidada para os meus rituais, vem agora, astro nocturno,

[143] Medeia convida para o casamento Ixíon, Tântalo e as Danaides, ou seja, prisioneiros do Tártaro que receberam severos castigos pelos seus crimes.

[144] Ixíon foi atado a uma roda em chamas, que não parava de girar.

[145] Tântalo estava condenado à fome e sede eternas: a água e as árvores de fruto, apesar de estarem perto, afastavam-se sempre que ele lhes tentava tocar. Pirene é uma fonte em Corinto.

[146] Sísifo é considerado um antepassado de Creonte; cf. n. 86. Neste castigo, Sísifo rolaria juntamente com a pedra que estava condenado a puxar colina acima eternamente.

[147] As cinquenta filhas de Dánao, à excepção de Hipermnestra, mataram os respectivos maridos.

trazendo um aspecto horrível, ameaçando com cada
[uma das tuas faces[148].
Para ti, soltando o laço dos cabelos, conforme o costume
do meu povo[149], percorri os bosques recônditos
de pés descalços e fiz jorrar água de nuvens secas,
e empurrei o mar para os seus abismos: o Oceano produziu
forte ondulação nas suas profundezas, vencidas as marés.
Subverteram-se as leis do firmamento; e o mundo viu,
ao mesmo tempo, o sol e os astros; e vós, Ursas, tocastes
no mar proibido[150]. Alterei a ordem das estações:
no Verão a terra arrepiou-se com o meu canto[151]
e Ceres foi obrigada a assistir a uma colheita no Inverno.
O Fásis fez refluir o seu impetuoso caudal até à nascente,
e o Histro, que se ramifica em tão numerosas
embocaduras, conteve as águas ameaçadoras, deslizando
[serenamente em todos os seus canais[152].

[148] Identificação da lua com Hécate, à qual se atribuem três faces.

[149] Refere-se provavelmente aos Colcos; é mais improvável a hipótese de se tratar de feiticeiras, pois estas não se consideravam a si próprias como um grupo específico.

[150] Cf. v. 404-405.

[151] Significam estes versos que Medeia transformou o Verão em Inverno e o Inverno em Verão. A lição *horruit,* seguida por Zwierlein, baseia-se numa conjectura de Markland. Alguns manuscritos têm a variante *floruit*, cujo sentido seria o de que as flores do Mediterrâneo, que em geral florescem na Primavera, floresceriam no Verão, graças às artes mágicas de Medeia. No entanto, como há realmente flores mediterrânicas que florescem no Verão, a lição *floruit* torna-se pouco expressiva.

[152] Cf. v. 585-586.

As vagas ressoaram, o mar enfurecido intumesceu,
ainda que não se ouvisse o vento. A morada do antigo
bosque perdeu a sua sombra por ordem da minha voz.
Ao abandonar o dia, Febo parou em pleno curso,
e as Híades vacilam, perturbadas pelos meus cantos[153].
É altura, Febo, de celebrar os teus rituais.
São para ti estas grinaldas que mãos ensanguentadas
entretecem (nove serpentes as enlaçam),
para ti estes membros que pertenciam ao rebelde
Tifeu[154], o qual abalou o reino de Júpiter.
Aqui está o sangue do pérfido barqueiro,
que Nesso me ofereceu ao expirar[155].
A pira do Eta, que bebeu o veneno de Hércules,
ficou reduzida a esta cinza[156].
Eis o facho da piedosa irmã e da desnaturada mãe,
a vingadora Alteia.
A Harpia deixou para trás estas penas numa gruta
sem acesso, enquanto fugia de Zetes[157].
Acrescenta-lhes as penas de uma ave ferida do Estinfalo[158],

---

[153] Constelação, cujo movimento incomum contrasta com a imobilidade igualmente incomum do sol.

[154] Estes membros são serpentes. Tifeu é um monstro representado habitualmente com cem cabeças de serpente que lhe nascem em várias partes do corpo; cf. v. 409-410.

[155] Cf. v. 641-642.

[156] Cf. v. 639-642.

[157] As Harpias, seres com corpo de ave e cabeça de mulher, que atormentaram o profeta cego Fineu, foram afugentadas por Zetes e Cálais; cf. v. 231 e 634.

[158] O Estinfalo é um lago da Arcádia, cujas aves aterrorizavam a região, atirando as suas penas como se fossem setas. Um dos trabalhos de Hércules consistiu em matá-las.

vítima das setas de Lerna[159].
Altares, ressoastes; reconheço o estremecer das minhas
trípodes, quando a deusa se mostra favorável[160].
Estou a ver o carro veloz de Trívia[161],
não aquele que ela impele pela noite fora,
luminosa em toda a sua face,
mas o que ela impele, lívida, com expressão consternada,
quando, atormentada pelas ameaças tessálicas[162],
atravessa o céu com rédeas mais curtas.
Assim, com um facho pálido, espalha pelos ares
uma luz sombria, aterroriza os povos
com uma nova ameaça e em teu auxílio, Dictina[163],
vibrem os preciosos bronzes de Corinto[164].
Para ti, num altar de erva ensanguentada, fazemos
um sacrifício ritual;
para ti, arrebatado do meio de uma pira fúnebre,
o archote desencadeia fogos nocturnos; para ti,
movendo a cabeça e flectindo o pescoço, eu proferi
fórmulas; para ti, colocada segundo o costume fúnebre,

[159] Hércules embebeu as setas, com que matou as aves do Estinfalo, com o veneno da Hidra de Lerna.

[160] O estremecer do tripé assinalava a presença da divindade, neste caso a irmã de Apolo, Diana ou Hécate.

[161] Outro nome de Hécate.

[162] Alusão às bruxas da Tessália. Hécate guia de forma diferente quando está a ser atacada pelas bruxas. Nas noites de lua cheia guia o seu carro, desde o pôr-do-sol até à alvorada, sendo visível toda a noite. Quando as bruxas, que têm o poder de puxar a lua para baixo e provocar um eclipse, a atacam, guia mais devagar.

[163] Diana.

[164] O clangor dos pratos de bronze servia para desfazer a magia das bruxas, ajudando a lua a voltar ao seu lugar durante o eclipse.

uma faixa cinge os meus cabelos soltos;
para ti brando este ramo sinistro,
vindo das águas do Estige;
para ti, com o peito nu, como uma Ménade[165],
golpearei os braços com uma faca sagrada.
Jorre o meu sangue sobre o altar.
Acostuma-te, mão, a desembainhar a espada
e a conseguir suportar as golfadas do teu próprio sangue:
lacerando-me, ofereci o sagrado líquido.
Mas, se te queixares de seres invocada demasiadas vezes
pelas minhas preces, perdoa-me, eu te imploro.
Filha de Perses, a razão por que invoco
tão amiúde o teu arco
é só uma e sempre a mesma: Jasão.
Tu, tinge agora as vestes de Creúsa,
e, assim que ela as vestir, a chama
serpenteando queime-lhe os ossos até à medula.
Fechado num ouro fulvo, dissimulado,
esconde-se o fogo que me deu
aquele que, com o fígado sempre refeito, expiou
o que aos céus roubou e me ensinou a ocultar com arte
o poder do fogo, Prometeu[166]. Mulcíbero também me
deu o fogo coberto com um ténue manto de enxofre[167]
e foram relâmpagos de chama inextinguível
que recebi do meu parente Faetonte[168].

---

[165] Cf. v. 382-384 e 849.

[166] Cf. n. 130.

[167] Mulcíbero é um dos nomes de Vulcano, deus do fogo. O enxofre costuma estar associado ao fogo.

[168] O Sol é pai de Faetonte e avô de Medeia.

Tenho dádivas tiradas do meio do corpo da Quimera[169],
tenho chamas arrancadas às goelas
igníferas do touro[170],
que misturei com o fel de Medusa,
ordenando que mantivessem escondido o seu malefício.
Reforça os meus venenos, Hécate, e preserva
as sementes das chamas ocultas nas minhas dádivas:
passem despercebidas à vista e ao tacto sejam
insensíveis, penetre o calor no peito e nas veias,
liquefaçam-se os membros e fumeguem os ossos,
e com a cabeleireira a arder sobressaia
sobre os fachos nupciais a nova noiva.
As minhas preces foram ouvidas: três vezes ladrou
a feroz Hécate[171] e cuspiu fogos
sagrados o seu facho sinistro.
A poderosa mistura está acabada. Chama para aqui
as crianças[172], para, por seu intermédio, eu entregar
[à nubente as preciosas oferendas.

Entram os filhos de Medeia

---

[169] Segundo a descrição homérica, a Quimera "à frente tem forma de leão, atrás de dragão, no meio de cabra; o seu sopro é a fúria terrível do fogo ardente" (*Il.* 6.181-182, trad. de Frederico Lourenço, Lisboa, Livros Cotovia, 2005). É provável que Séneca interprete a descrição homérica da Quimera como exalando fogo da parte central.

[170] Os touros que expeliam fogo, usados por Jasão para semear os dentes de dragão.

[171] Hécate era representada, por vezes, como uma cadela.

[172] Não é claro a quem se dirige, talvez à Ama.

Ide, ide, queridos filhos, de uma mãe infausta a criação,
aplacai com esta dádiva e muitas preces
a vossa senhora e madrasta. Abalai e regressai, céleres,
a casa, para eu desfrutar de um derradeiro abraço.

Medeia, a Ama e as crianças saem

Coro

Para onde a Ménade manchada de sangue
se precipita, arrebatada por um amor
cruel? Que feito
planeia na sua desenfreada loucura?
O rosto, exacerbado de ira,
contrai-se e, arrogante,
agitando a cabeça em movimentos selváticos,
até o rei ameaça.
Quem acreditará que é uma exilada?
As suas faces enrubescidas estão afogueadas
e a palidez afugenta o rubor.
Alterando-se constantemente a sua aparência,
não há cor que se mantenha por muito tempo.
Anda para aqui e para ali,
como um tigre-fêmea que, ao ficar sem as crias,
percorre em furiosas corridas
o bosque do Ganges.
Medeia não sabe refrear
nem a ira nem o amor.
Agora a ira e o amor uniram-se
pela mesma causa. Que irá resultar?
Quando é que a infame mulher da Cólquida
levará para longe dos campos pelasgos

os seus passos e libertará do medo
o reino e também a família real?
Agora, Febo, conduz o teu carro,
sem que as rédeas o retardem;
possa a noite benfazeja esconder a sua luz,
que Véspero, o guia da noite, oculte
este dia temível.

Entra o Mensageiro

Mensageiro

Está tudo perdido! A estabilidade do reino desmoronou-se.
Filha e pai jazem mortos numa mistura de cinzas.

Coro

Por que embuste foram apanhados?

Mensageiro

Por aquele que costuma vencer os reis:
as dádivas.

Coro

E que traição nelas podia existir?

Mensageiro

Até eu próprio estou estupefacto e, mesmo depois de tal
[horror ter acontecido,
custa-me a acreditar que tenha sido possível.

CORO

Que tipo de catástrofe foi esse?

MENSAGEIRO

Um fogo voraz espalha a sua fúria por todos os recantos
do palácio, como se fosse comandado. O edifício já
desabou por completo; receia-se pela cidade.

CORO

Apaguem-se as chamas com a água.

MENSAGEIRO

Nesta catástrofe há também algo digno de espanto:
a água atiça o fogo, e, quanto mais se tenta controlá-lo,
mais se inflama[173]: ele domina até mesmo a nossa defesa[174].

Entram a Ama e Medeia. Sai o Mensageiro

AMA

Afasta-te, célere, da morada de Pélops[175],
Medeia, e apressa-te para as terras que escolheres, sejam
[elas quais forem.

---

173 Medeia subverte as leis da natureza, ao fazer a água misturar-se com o fogo.

174 A água.

175 A frase é controversa, porque Pélops governava Argos e Medeia encontra-se em Corinto. No entanto, como Séneca alude a uma tradição segundo a qual o pai de Pélops, Tântalo, governaria em Corinto (cf. v. 745), o verso pode remeter para Corinto. Outros comentadores consideram o Istmo de Corinto uma parte do reino de Pélops, dada a proximidade geográfica das duas regiões.

Medeia

Partir, eu?! Se já tivesse ido para o exílio,
regressaria para isto. Estou a assistir a um novo tipo de bodas.
Que se passa, minha alma, estás a recuar? Prossegue o
[teu bem sucedido impulso.
Esta parte da vingança com que te comprazes é parte
bem pequena! Ainda o amas, ó desvairada, pois te basta
que Jasão fique viúvo. Procura uma forma de o castigares
que não seja comum e toca a preparar-te a ti própria
[para o seguinte:
renega a justiça em absoluto e bane o pudor para bem longe;
de pouco vale a vingança que mãos impolutas perpetram.
Entrega-te à ira, desperta desse torpor
e, selvática, das profundezas do teu coração exaure
por completo os antigos impulsos. Todo o mal que
[cometeste até hoje
chame-se piedade. Vamos! Há-de ficar a saber-se
como tiveram pouco valor e um cunho vulgar os delitos
que por ele cometi. A minha angústia andou a treinar-se
com eles. Que feito grandioso podiam ter ousado mãos
inexperientes? Que podia a loucura de uma rapariga?
Agora sou Medeia. Os danos fizeram crescer o meu talento[176].
É um comprazimento, é um comprazimento ter
[arrancado a cabeça ao meu irmão[177],

---

[176] Medeia refere-se provavelmente quer ao seu infortúnio quer aos males que causou.

[177] Cf. v. 132 e 452-453.

é um comprazimento ter cortado os seus membros e ter
[privado o meu pai
do seu tesouro secreto[178], é um comprazimento ter
[apetrechado as filhas
para a destruição do pai[179]. Procura novo alvo, angústia.
Disporás de uma dextra nada inexperiente para qualquer
crime. Qual é, pois, o teu objectivo, ira? Ou que armas
apontas ao pérfido inimigo? Não sei que crueldade
o meu espírito decidiu secretamente, que não ousa ainda
confessar a si próprio. Insensata, tive demasiada pressa:
quem dera que o meu inimigo tivesse da amante
alguns filhos! Mas tudo o que dele concebeste
é descendência de Creúsa. Pareceu-me bem um castigo
deste género, e com justa razão me pareceu bem; devo
[preparar o meu último crime
com um espírito corajoso: filhos, que outrora fostes meus,
sede castigados pelos crimes de vosso pai.
O horror abalou-me o coração, as minhas pernas estão
[paralisadas de frio
e o meu peito estremece. A ira abandonou o seu posto,
e a esposa que há em mim foi expulsa por completo, a
[mãe retomou o seu lugar.
Será que consigo derramar o sangue dos meus filhos,
da minha própria descendência? Ah, loucura insana,
[melhor seria
manter afastada também de mim essa iniquidade inaudita

[178] O velo de ouro.
[179] Cf. v. 133-134.

e essa terrível impiedade. Que crime expiarão os infelizes?
Delito é ter como pai Jasão e maior delito ainda
ter Medeia como mãe. Deixá-los morrer, se não são meus;
deixá-los perecer, se são meus. Neles não há nem crime
[nem culpa,
são inocentes, reconheço-o: também meu irmão o era.
Por que hesitas, minha alma? Por que tenho o rosto
[banhado de lágrimas,
por que me puxa a ira para aqui e o amor para ali,
deixando-me dividida? Uma maré de dois sentidos
[arrasta-me, hesitante[180];
assim como os céleres ventos travam guerras violentas,
e ondas em conflito levam o mar em direcções contrárias,
e as águas fervilham, indecisas, assim o meu
coração vacila. A ira rechaça a piedade,
e a piedade, a ira: cede ao afecto, angústia.

dirigindo-se aos filhos que se aproximam
Vinde, querida descendência, única consolação de uma casa
arruinada, vinde cá e enlaçai os vossos braços
em meu redor. Tenha-vos o vosso pai em segurança,
conquanto também a vossa mãe vos tenha. Mas o exílio
[e a fuga estão iminentes.
Em breve, muito em breve me serão levados, arrancados
[do meu seio,
a chorar e a soluçar: pereçam eles para o carinho do pai,
já pereceram para o da mãe. A angústia cresce de novo,

[180] O símile marítimo retrata a sua indecisão (cf. a comparação do poder de Medeia com o mar, v. 121, 166, 755-756).

e o ódio fervilha, a antiga Erínia[181] reclama outra vez
a minha mão relutante: ira, vou por onde me levas.
Quem dera que do meu ventre tivesse saído a ninhada
da arrogante filha de Tântalo[182] e eu tivesse sido mãe
de catorze filhos! Fui estéril para a minha vingança —
mesmo assim pari dois, o que basta para vingar o meu [irmão e o meu pai.

Medeia vê as Fúrias aproximarem-se acompanhadas do espectro do irmão

Para onde se dirige este tropel desenfreado de Fúrias?
Quem procuram elas? Que fim visam os golpes igníferos
que preparam? Contra quem este esquadrão infernal [aponta os ensanguentados
fachos? Uma enorme serpente retorce-se e sibila
à medida que o chicote a fustiga. Quem é que Megera
persegue com a tocha ameaçadora[183]? De quem é a [sombra indistinta que se aproxima
com os membros dilacerados? É o meu irmão. Pede [vingança.
Dar-lha-emos na totalidade. Crava os fachos nos meus olhos,
rasga-os, queima-os; eis que o meu peito se expõe às Fúrias.
Irmão, afasta de mim essas deusas da vingança

[181] As Erínias são divindades que punem os crimes perpetrados contra os parentes. Também chamadas, em grego, Euménides e, em latim, Fúrias.

[182] Níobe vangloriou-se de ter mais filhos do que Leto, que apenas gerara Apolo e Diana. Para a castigar, os dois filhos de Leto mataram todos os de Níobe. Esta chorou tanto que ficou transformada em pedra.

[183] Cf. *Her. F.* 103. Megera é uma das Erínias, que enlouquece as suas vítimas.

e ordena-lhes que vão, serenas, para as profundezas das
[sombras[184].
Deixa-me comigo própria e usa esta mão, irmão,
que acaba de desembainhar a espada:
mata um dos filhos
com esta vítima
aplaco a tua sombra.
Jasão aproxima-se com criados armados
Que significa este barulho repentino?
Há homens armados e andam à minha procura para me
matar. Vou subir ao cimo do telhado de nossa casa,
pois a chacina mal começou.
dirige-se ao filho vivo
Tu, vem comigo, acompanha-me.
dirige-se ao filho morto
Também vou levar daqui comigo o teu corpo.
Agora vamos a isso, minha alma. Não deves malbaratar
a tua coragem nas trevas. Mostra ao povo do que a tua
[mão é capaz.

Medeia sobe ao telhado carregando o filho morto e obrigando o outro a acompanhá-la. Jasão chega com homens armados

Jasão

Todos vós que deplorais com lealdade o extermínio
da família real, acorrei, para capturarmos, em pessoa, a
[autora deste delito

[184] Na religião romana os manes são os espíritos dos mortos de forma indiferenciada; em finais da República, por influência grega, o termo designava os espíritos mortos considerados individualmente; cf. v. 971.

horrendo. Para aqui, para aqui, exército corajoso de
guerreiros, trazei as armas, arrasai a casa a partir dos alicerces.

Medeia

Agora, agora recuperei o ceptro, o irmão, o pai,
e os Colcos retomam o despojo do velo de ouro;
resgatei o meu reino, a virgindade roubada, resgatei-a.
Ó divindades, finalmente favoráveis, ó dia de festa,
ó dia de núpcias! Vai-te embora, o delito está feito…
A vingança ainda não. Leva-a até ao fim, enquanto as
[tuas mãos fervilham.
Por que te demoras, agora, minha alma? Por que hesitas?
A poderosa ira já colapsou? Sinto-me arrependida e
[envergonhada do que fiz.
O que fiz eu, desgraçada?! Desgraçada? Muito embora
me arrependa, fi-lo. Um grande deleite invade-me
contra minha vontade e ei-lo a crescer.

apercebe-se da presença de Jasão no meio da multidão
Uma coisa me faltava…
espectador como esse. Não tenho em conta nada do que
[até agora foi feito:
todo o delito que perpetrei sem presença desse foi vão.

Jasão

Ei-la, em pessoa, erguendo-se na beira do telhado.
Que alguém traga para aqui o fogo, para que caia
abrasada pelas suas próprias chamas.

Medeia

Prepara a derradeira pira fúnebre
para os teus filhos[185], Jasão, e ergue-lhes um túmulo.
A tua esposa e o teu sogro já têm o que é devido aos mortos,
ao serem sepultados por mim. Este teu filho cumpriu o
[destino,
este outro vai sofrer, diante dos teus olhos, uma morte igual.

Jasão

Por todas as divindades, pelas vezes em que tivemos de
[fugir juntos,
pelo leito que a minha fidelidade não violou, poupa
agora este nosso filho. Se algum crime existe, ele é meu:
entrego-me à morte; sacrifica a minha cabeça, que é culpada.

Medeia

Naquilo que não aceitas, naquilo que te magoa eu
[cravarei a minha espada.
Vai agora, homem arrogante, vai à procura dos tálamos
das virgens, abandona as mães!

Jasão

Um filho é já castigo suficiente.

[185] Jasão lança fogo ao edifício, que se tornará uma pira fúnebre para as crianças.

MEDEIA

Se a minha mão pudesse ficar satisfeita com uma morte [apenas,
não teria praticado nenhuma. Mesmo matando os dois,
o número é extremamente exíguo para a minha angústia.
Se ainda se esconde na mãe algum penhor do nosso afecto,
perscrutarei as minhas entranhas com a espada e [arrancá-lo-ei com o ferro.

JASÃO

Conclui, então, o acto que começaste. Não te faço
mais súplicas. Ao menos não prolongues o meu suplício.

MEDEIA

Desfruta do delito com vagar, não te apresses, angústia.
O dia é meu; estou a servir-me do tempo que me foi [concedido.

JASÃO

Ó criatura desumana, acaba comigo.

MEDEIA

Exortas-me a compadecer-me de ti.

mata o segundo filho
Pronto, está concluído. Não tenho nada mais, angústia,
para te sacrificar. Levanta os teus olhos túmidos de [lágrimas para aqui,
ingrato Jasão. Reconheces a tua esposa?

É assim que costumo fugir. Abriu-se um caminho no céu.
Duas serpentes oferecem o seu pescoço escamoso
submetido ao jugo. Toma lá os teus filhos, ó progenitor.
Eu, neste carro alado, serei transportada pelos ares.

Jasão

Pelas profundezas do espaço, no mais alto firmamento,
vai testemunhar, por onde passares, que não existem [deuses[186].

[186] A peça abre e fecha com a referência aos deuses.

Bibliografia

Edições, traduções, comentários e léxicos

F. Ahl (1986), *Seneca. Medea.* Cornell University Press.

G. G. Biondi – A. Traina (1989), *Lucio Anneo Seneca. Medea. Fedra*. Milano, BUR.

F. - R. Chaumartin (1996), *Sénèque. Tragédies. Tome I, Hercule furieux. Les Troyennes. Les Phéniciennes. Médée. Phèdre*. Paris, Les Belles Lettres.

G. Giardina - R. C. Melloni (1987), *L. Anneo Seneca. Tragedie*. Torino, Classici latini.

G. Giardina (2007), *Lucio Anneo Seneca, Tragedie I Ercole, Le Troiane, Le Fenicie, Medea, Fedra*. Pisa - Roma, Fabrizio Serra Editore.

L. Herrmann (1961), *Sénèque. Medée*. Paris, Les Belles Lettres.

H. M. Hine (2000), *Seneca. Medea*. Warminster, Aris & Phillips.

F. J. Miller (1927), *Seneca VIII. Tragedies* I. Cambridge, Harvard University Press.

J. L. Moreno (1979), *Séneca*. *Tragédias*. Vol. I. Madrid, Gredos.

H. Moricca (1946-7), *L. Annaei Senecae Medea. Oedippus. Agamemnon. Hercues [Oetaeus]*. Torino,

Paravia.

W. A. Oldfather – A. S. Pease – V. Canter (1964), *Index uerborum quae in Senecae fabulis necnon in Octauia praetexta reperiuntur*. Hildesheim, G. Olms.

I. Viansino ([2]1965), *L. Annaei Senecae Hercules Furens. Troades. Phoenissae. Medea. Phaedra*. Torino, Paravia.

G. Viveros (1998), *Séneca. Tragedias*. Universidad Nacional Autónoma de México.

O. Zwierlein (1986), *L. Annaei Senecae Tragoedia*e. Oxford, Oxford Classical Texts.

Estudos

A. Arcellaschi (1990), *Médée dans le théâtre latin d'Ennius à Sénèque*. Rome, École Française de Rome, 313-415.

M. Billerbeck (1988), *Senecas Tragödien. Sprachliche und stilistische Untersuchungen*. Leiden, Brill.

C. Blitzen (1976), "The Senecan and Euripidean Medea", *CB* 52 86-90.

A. J. Boyle (1997), *Tragic Seneca. An Essay in the Theatrical Tradition*. London – New York, Routledge.

G. Braden (1985), *Renaissance Tragedy and the Senecan Tradition: anger's privilege*. Yale University Press.

Z. Cardoso (2005). *Estudos sobre as tragédias de Sêneca*. São Paulo, Alameda Casa Editorial.

L. Casson (1995), *Ships and Seamanship in the Ancient World. Baltimore*, London, The Johns Hopkins University Press.

E. Caquet (1997), *Leçon littéraire sur Médée de Sénèque*. Paris, Presses Universitaires de France.

J. J. Clauss – S. I. Johnston, eds. (1997), *Medea. Essays on Medea in Myth, Literature, Philosophy, and Art*. Princeton, New Jersey, Princeton University Press

F. Dupont (1975), "Le personnage et son mythe dans les tragédies de Sénèque" in *Actes du IX Congrès A.G. Budé 1973*. Paris, Les Belles Lettres, 1975, p.447-458.

F. Dupont (1985), *L'acteur roi. Le théâtre dans la Rome antique*. Paris, Les Belles Lettres.

F. Dupont (1995), *Les monstres de Sénèque. Pour une dramaturgie de la tragédie romaine*. Paris, Belin.

F. Dupont (2000), *Médée de Sénèque ou comment sortir de l'humanité*. Paris, Belin.

E. Frenzel (1976), *Diccionario de argumentos de la Literatura Universal*, trad. de Carmen Schad de Caneda. Madrid, Editorial Gredos.

C. S. V. Gonçalves (2003), *A invectiva na tragédia de Séneca*. Lisboa, Edições Colibri.

T. Griffin (1992), *Seneca. A philosopher in Politics*. Oxford, Clarendon Paperbacks (reimp.1976).

E. Griffiths (2006), *Medea.* London, New York, Routledge.

P. Grimal (1978), *Sénèque ou la conscience de l'Empire*. Paris, Les Belles Lettres.

J. A. Hanson (1968), "Commonplace and dramatic symbol in Seneca's tragedies", *PAPhA* 99 291-313.

G. Lawall (1979), "Seneca's Medea. The elusive triumph of civilization" in *Arktouros. Hellenic Studies presented to Bernard M.W. Knox*, ed. G. W. Bowersock - W. Burkert - C. J. Putnam. Berlin, de Gruyter, 419-426.

Medeia na drama antigo e moderno (1991). Coimbra, INIC.

A. L. Motto – J. R. Clark (1972), "Senecan's tragedy: patterns of irony and art", *CB* 48 69-77.

F. Oliveira (1999). "Imagem do poder na tragédia de Séneca", *Humanitas* 51 49-83.

M. C. Pimentel (1993), *Quo Verget Furor? Aspectos Estóicos na Phaedra de Séneca*. Lisboa, Edições Colibri.

T. G. Rosenmeyer (1989), *Senecan Drama and Stoic Cosmology*. Berkeley, Univ. California Press.

J. A. Segurado e Campos (1977), "Sur la typologie des

personnages dans les tragédies de Sénèque", in *Neroniana*, eds J.-M. Croisille — P.-M. Fauchère. Clermont-Ferrand, 1982, p.223-232.

J. A. Segurado e Campos (1987), "A linguagem dos gestos no teatro de Séneca", *Euphrosyne* 15 109-134.

A. Setaioli (1985), "Seneca e lo stile", *ANRW* 2.32.2 776-858.

D. F. Sutton (1986), *Seneca on the Stage.* Leiden, E.J. Brill.

R. G. Tanner (1985), "Stoic philosophy and Roman tradition in Senecan tragedy", *ANRW* 2.32.2 1100-1133.

R. J. Tarrant (1978), "Senecan drama and its antecedents", *HSCPh* 82 213-263.

Volumes publicados na *Colecção Autores Gregos e Latinos – Série Textos Latinos*

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento.* Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O* De excidio Vrbis *e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).

5. Ana Alexandra Alves de Sousa: *Séneca. Medeia*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2011).

Impressão:
Simões & Linhares, Lda.
Av. Fernando Namora, n.º 83 - Loja 4
3000 Coimbra

A versão senequiana da história de Medeia, filha de Eetes, rei da Cólquida, e da sua tormentosa paixão pelo argonauta Jasão é o exemplo de um novo gosto literário, quase barroco e impressionista, onde visualização e exploração do macabro e da violência se cruzam com uma forte atracção pela magia e pela feitiçaria. Medeia, neta do Sol, sobrinha da feiticeira Circe e, segundo algumas lendas, filha de Hécate, detentora das artes de magia, é uma figura portentosa e paradigmática, capaz de usar todos os seus dotes sobre-humanos ao arrepio da natureza e da humanidade.





